CASSANDRA CLARE

ROBIN WASSERMAN

OS PERVERSOS

FANTASMAS do MERCADO das SOMBRAS

VOL. 6



Galera

Cassandra Clare
e
Robin Wasserman

Os Perversos

Fantasmas do Mercado das Sombras

Tradução de
Rita Sussekind

1ª edição

Galera
RIO DE JANEIRO
2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Clare, Cassandra, 1973-
C541p Os perversos [recurso eletrônico] / Cassandra Clare, Robin Wasserman; tradução de Rita Sussekind. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.
recurso digital; epub (Fantasmas do mercado das sombras; 6)

Tradução de: The wicked ones
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11591-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Wasserman, Robin. II. Sussekind, Rita. III. Título. IV. Série.

18-52643

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecária – CRB-7/6135

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:
THE WICKED ONES

Copyright © 2018 Cassandra Clare, LLC

Publicado mediante acordo com a autora a/c BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11591-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Sumário

Os perversos

Os Perversos

Paris, 1989

Dizia-se entre os Caçadores de Sombras que era impossível conhecer a verdadeira beleza até ver as torres brilhantes de Alicante. Dizia-se que nenhuma cidade no mundo se comparava às suas maravilhas. Dizia-se que nenhum Caçador de Sombras podia se sentir verdadeiramente em casa em qualquer outro lugar.

Se alguém perguntasse a opinião de Céline Montclaire sobre o assunto, ela diria: obviamente esses Caçadores de Sombras nunca estiveram em Paris.

Ela teria falado animadamente sobre as flechas góticas perfurando as nuvens, as ruas de pedras reluzindo com a chuva, a luz do sol dançando no rio Sena, e, *bien sûr*, as infinitas variedades de queijos. Teria mencionado que Paris foi o lar de Baudelaire e de Rimbaud, Monet e Gauguin, Descartes e Voltaire, que foi a cidade que criou uma nova forma de falar, enxergar, pensar, *ser*, trazendo até o mais mundano dos mundanos um pouco mais para perto dos anjos.

De todas as maneiras, Paris era *la ville de la lumière*. A Cidade-luz. Com certeza, Céline teria dito que nada poderia ser mais bonito do que isso.

Mas ninguém jamais perguntou. Geralmente ninguém perguntava a opinião de Céline Montclaire sobre nada.

Até agora.

— Tem certeza de que não existe um símbolo para manter essas feras imundas longe da gente? — perguntou Stephen Herondale ao ouvir o bater trovejante de asas. Ele se abaixou, mirando às cegas o inimigo emplumado.

A revoada de pombos moveu-se rapidamente, sem desferir nenhum golpe mortal. Céline espantou alguns retardatários, e Stephen suspirou aliviado.

— Minha heroína — falou.

Céline sentiu suas bochechas aquecerem de forma alarmante. Ela tinha um terrível problema de enrubescimento, sobretudo, na presença de Stephen Herondale.

— O grande guerreiro Herondale tem medo de pombos? — provocou, torcendo para que ele não percebesse o tremor na sua voz.

— Não tenho medo. Apenas uma cautela prudente em face de uma criatura potencialmente demoníaca.

— Pombos demônios?

— Eu os encaro com grande desconfiança — disse Stephen com a máxima dignidade que um pombofóbico conseguia reunir, tocando a espada pendurada no quadril. — E esse grande guerreiro está pronto para fazer o que tem que ser feito.

Enquanto falava, outra revoada de pombos decolou dos paralelepípedos, e, por um momento, tudo foram asas e o grito agudo de Stephen.

Céline riu.

— Sim, vejo que você é destemido em face do perigo. Ou no bico do perigo.

Stephen a encarou furiosamente. O coração dela acelerou. Será que tinha exagerado? Em seguida, ele lhe deu uma piscadela.

Ela o desejava tanto que às vezes parecia que seu coração ia explodir.

— Tem certeza de que ainda está indo na direção certa? — perguntou ele. — Acho que estamos andando em círculos.

— Confie em mim — disse ela.

Stephen levou a mão ao coração.

— *Bien sûr, mademoiselle.*

Sem contar a presença dele em seus sonhos, Céline não via Stephen desde que ele se formara na Academia, quatro anos atrás. Mas naquela época ele

mal a notara. Estava ocupado demais com seu treinamento, com a namorada e com os amigos do Círculo para pensar na menina que não tirava os olhos dele. Mas agora, Céline pensou, com as bochechas ardendo outra vez, eles eram praticamente iguais. Sim, ela tinha 17 anos, ainda era estudante, e ele tinha 22 e, além de ser um adulto, também era o tenente mais confiável de Valentim Morgenstern no Círculo — o grupo de elite de jovens Caçadores de Sombras que jurou reformar a Clave e restaurá-la à sua pura e antiga glória. Mas Céline finalmente fazia parte do Círculo também, escolhida pelo próprio Valentim.

Valentim fora colega de Stephen e dos outros membros fundadores do Círculo na Academia — mas, ao contrário deles, nunca parecera jovem. A maioria dos alunos e professores achava que o grupo de Valentim não era nada além de uma panelinha inofensiva, cuja única excentricidade era preferir debates políticos noturnos a festas. Mesmo naquela época, Céline entendia que era exatamente isso que Valentim queria parecer: inofensivo. Aqueles que prestavam atenção sabiam que não era assim. Ele era um guerreiro voraz, com uma mente ainda mais voraz — uma vez que fixasse seus olhos negros em algum objetivo, nada o impediria de conquistá-lo. Ele formara seu Círculo com jovens Caçadores de Sombras que sabia serem tão capazes quanto leais. Apenas os melhores, ele dissera quando a abordou em uma aula particularmente chata sobre história do Submundo.

— Todos os membros do Círculo são *excepcionais*. Inclusive, caso aceite minha oferta, você. — Ninguém jamais a havia chamado de excepcional antes.

Desde então ela se sentia diferente. Forte. *Especial*. E devia ser verdade, pois, apesar de ainda ter um ano de Academia pela frente, aqui estava ela, passando as férias de verão em uma missão oficial com Stephen Herondale. Stephen era um dos maiores combatentes da sua geração, e agora — graças à infeliz situação licantrope de Lucian Graymark — era o homem de maior confiança de Valentim. Mas era Céline que conhecia Paris, suas ruas e seus segredos. Era o momento perfeito para mostrar a Stephen que tinha mudado, que era excepcional. Que ele não daria conta sem ela.

Essas foram, inclusive, suas palavras exatas. *Eu não daria conta sem você, Céline*.

Ela adorava o som de seu nome vindo da boca dele. Amava cada detalhe dele: os olhos azuis, que brilhavam como o mar da *Côte d'Azur*. Os cabelos louro-brancos, que brilhavam como a rotunda dourada do Palais Garnier. A curva do pescoço, a rigidez dos músculos, as linhas suaves do corpo, como algo esculpido por Rodin, um modelo de perfeição humana. De algum modo, ele tinha ficado ainda mais bonito desde que o viu pela última vez.

Também tinha se casado.

Ela tentava não pensar nisso.

— Podemos andar mais rápido? — Robert Lightwood resmungou. — Quanto mais cedo acabarmos com isso, mais cedo poderemos voltar para a civilização. E para o ar-condicionado.

Robert era outra coisa na qual ela tentava não pensar. A presença amuada dele tornava muito mais difícil fingir que ela e Stephen estavam fazendo um passeio romântico ao luar.

— Quanto mais rápido formos, mais você vai suar — observou Stephen. — E, acredite em mim, ninguém quer isso. — Paris em agosto tinha mais ou menos dez graus a mais que o inferno. Mesmo após escurecer, o ar parecia um cobertor encharcado de sopa quente. Para não chamarem a atenção, trocaram os uniformes de combate por roupas mundanas de manga comprida, que escondiam suas marcas. A camiseta branca que Céline tinha escolhido para Stephen já estava ensopada. O que não era exatamente lamentável.

Robert só resmungou. Ele estava diferente do que Céline se recordava da Academia. Naquela época, era um pouco ríspido e sucinto, mas nunca foi deliberadamente cruel. Agora, no entanto, havia algo em seus olhos do qual ela não gostava. Algo gélido, que remetia demais ao pai de Céline.

Segundo Stephen, Robert teve alguma espécie de desentendimento com seu *parabatai* e estava compreensivelmente mal-humorado. *É só Robert sendo Robert*, ele havia dito. *Grande combatente, mas um pouco dramático. Nada com que se preocupar.*

Céline sempre se preocupava.

Eles subiram o final da Rue Mouffetard. Durante o dia, este era um dos mercados mais agitados de Paris, cheio de produtos frescos, cachecóis coloridos, vendedores de falaféis, barracas de sorvete e turistas desagradáveis.

À noite, as fachadas das lojas eram fechadas e ficavam silenciosas. Paris era uma cidade de mercados, mas todos se aquietavam depois que escurecia — todos, menos um.

Céline os apressou por uma esquina, por outra rua estreita e sinuosa.

— Já estamos quase chegando. — Ela tentou conter a ansiedade da voz. Robert e Stephen deixaram muito claro que o Círculo não aprovava Mercados das Sombras. Integrantes do Submundo se misturando a mundanos, bens ilícitos passando de uma mão para outra, segredos trocados e vendidos? Segundo Valentim, tudo isso era consequência indecorosa da corrupção e da frouxidão da Clave. Quando o Círculo assumisse o poder, Stephen garantiu a ela, os Mercados das Sombras seriam fechados em definitivo.

Céline só integrava o Círculo há alguns meses, mas ela já tinha aprendido essa lição: se Valentim detestava alguma coisa, ela tinha a obrigação de detestar também.

E estava fazendo o melhor que podia.

#

Não havia uma lei dizendo que um Mercado das Sombras deveria se localizar em um ambiente rico em energia negra, marinado no sangue de um passado violento, mas ajudava.

E esse tipo de coisa não faltava em Paris. Era uma cidade de fantasmas, e a maioria deles eram furiosos. Revolução após revolução, barricadas sujas de sangue e cabeças rolando da guilhotina, os massacres de setembro, a Semana Sangrenta, o incêndio das Tulherias, o Terror... Durante a infância, Céline passou muitas noites acordada, vagando pela cidade, invocando visões de suas maiores crueldades. Ela gostava de imaginar que conseguia ouvir gritos ecoando através dos séculos. Fazia com que se sentisse menos só.

Isso, ela sabia, não era um hobby para uma infância normal.

Isso por que a infância de Céline não foi nada normal. Mas ela só descobriu isso quando foi para a Academia e conheceu, pela primeira vez, Caçadores de Sombras da sua idade. Naquele primeiro dia, os outros alunos falaram sobre suas vidas idílicas em Idris, galopando pela Planície Brocelind;

suas vidas idílicas em Londres, Nova York, Tóquio, treinando sob os olhares gentis de pais e tutores amorosos nos Institutos; suas vidas idílicas em todo lugar. Depois de algum tempo, Céline parou de escutar, afastando-se sem ser notada, com uma amarga inveja para ficar. Envergonhada demais pela perspectiva de que alguém pudesse fazê-la contar a própria história. Afinal, ela cresceu na propriedade dos pais na Provence, cercada por pomares, vinhedos, campos de lavanda: aparentemente, *la belle époque*.

Céline sabia que seus pais a amavam, porque eles diziam isso repetidamente.

Só estamos fazendo isso porque nós a amamos, sua mãe dizia antes de trancá-la no porão.

Só estamos fazendo isso porque nós a amamos, seu pai dizia antes de açoitá-la.

Só estamos fazendo isso porque nós a amamos, quando lançaram o demônio Dragonidea contra ela; quando a largaram durante a noite, com oito anos e desarmada, em uma floresta controlada por lobisomens; quando ensinaram sobre as consequências sangrentas da fraqueza, da falta de jeito ou do medo.

Na primeira vez que fugiu para Paris, ela tinha 8 anos. Jovem o bastante para achar que podia escapar de vez. Ela fora até as Arènes de Lutèce, as ruínas de um anfiteatro romano do primeiro século depois de Cristo. Talvez fosse a ruína sangrenta mais antiga da cidade. Dois mil anos antes, gladiadores lutaram até a morte diante de uma multidão que vibrava, sedenta por sangue, até que a arena e sua multidão foram tomadas por bárbaros igualmente sedentos por sangue. Por um tempo, fora um cemitério; agora era uma armadilha turística, mais um monte de pedras para estudantes entediados ignorarem. Pelo menos, durante o dia. Sob a lua da meia-noite, se enchia de integrantes do Submundo, um bacanal de frutas e vinhos de fadas, gárgulas encantadas por magia de feiticeiros, lobisomens dançando valsa, vampiros de boinas pintando retratos com sangue, uma *ifrit* que tocava acordeão e fazia pessoas chorarem até a morte. Era o Mercado das Sombras de Paris, e quando Céline o viu pela primeira vez finalmente se sentiu em casa.

Naquela primeira viagem, ela passou duas noites ali, assombrando barracas, fazendo amizade com um filhote de lobisomem tímido, saciando sua fome com um crepe de Nutella que um Irmão do Silêncio comprou para ela, sem fazer perguntas. Ela dormiu embaixo da toalha de mesa da barraca de joias de um vampiro; brincou de roda com crianças com chifres em uma festa de fadas improvisada; finalmente descobriu o que era ser feliz. Na terceira noite, os Caçadores de Sombras do Instituto de Paris a encontraram e levaram de volta para casa.

Foi então que aprendeu — não pela última vez — as consequências de fugir.

Nós a amamos demais para perdê-la.

Naquela noite, Céline se encolheu em posição fetal no canto do porão, com as costas ainda ensanguentadas, e pensou: então é assim que é ser amada demais.

#

A missão deles era muito clara. Primeiro, deveriam procurar a barraca da feiticeira Dominique du Froid no Mercado das Sombras de Paris. Depois, encontrar provas de seus negócios suspeitos com dois jovens Caçadores de Sombras rebeldes.

— Tenho motivos para crer que estão trocando sangue e partes de integrantes do Submundo por serviços ilegais — Valentim contara a eles.

Ele precisava de provas. Caberia a Céline, Stephen e Robert encontrar alguma.

— *Discretamente* — Valentim alertara. — Não quero que ela avise os companheiros. — Valentim fez a palavra *companheiros* soar como uma vulgaridade. Para ele, era: integrantes do Submundo eram ruins, mas Caçadores de Sombras se permitindo serem corrompidos por um integrante do Submundo? Isso era imperdoável.

A primeira parte foi simples. Dominique du Froid foi facilmente encontrada. Ela escrevera seu nome com luzes de neon, do nada. As letras

brilhavam forte, literalmente, um metro acima de sua barraca, com uma flecha neon apontando para baixo. DOMINIQUE DU FROID, LES SOLDES, TOUJOURS!

— Típico de uma feiticeira — disse Robert amargamente. — Sempre à venda.

— Sempre em promoção — Céline corrigiu, baixinho demais para ele ouvir.

Na verdade, a barraca era uma tenda elaborada com mesas expostas e uma área protegida por cortinas no fundo. Era cheia de joias bregas e poções coloridas, mas nada tão brega ou tão colorido quanto a própria Dominique. Seu cabelo louro platinado com mechas rosa-choque, metade preso em um rabo de cavalo lateral, e a outra, frisada e brilhando de tanto laquê. Ela vestia uma blusa de renda rasgada, uma minissaia preta de couro, luvas roxas sem dedos, e o que parecia uma porção significativa de suas mercadorias em volta do pescoço. Sua marca de feiticeira, um rabo longo e rosa emplumado, estava enrolado sobre os ombros como um boá.

— É como se um demônio Eidolon tivesse tentado se transformar em Cindy Lauper e acidentalmente fosse interrompido no meio — Céline brincou.

— Hein? — disse Robert. — Isso é outra feiticeira?

Stephen sorriu.

— Sim, Robert. Outra feiticeira. E a Clave a executou porque ela só queria se divertir.

Céline e Stephen riram juntos, e a raiva evidente de Robert por ter sido zombado só os fez rir mais. Como a maioria dos Caçadores de Sombras, Céline cresceu sem saber nada sobre a cultura pop mundana. Mas Stephen apareceu na Academia cheio de conhecimentos sobre bandas, livros e músicas dos quais ninguém nunca tinha ouvido falar. Depois que entrou para o Círculo, ele abandonou seu amor pelos Sex Pistols com a mesma velocidade com que trocou a jaqueta de couro e o jeans rasgado pelo uniforme preto sem graça que Valentim gostava. Mas, por via das dúvidas, Céline passara os últimos dois anos estudando a TV mundana.

Posso ser o que você quiser que eu seja, ela pensou, desejando ter coragem de *dizer* isso.

Céline conhecia Amatis, a mulher de Stephen. Pelo menos, conhecia o suficiente. Amatis tinha a língua afiada e era metida. Era cheia de opiniões, argumentativa, teimosa, e nem tão bonita assim. Também havia rumores de que ela ainda era secretamente ligada ao irmão lobisomem. Céline não ligava muito para isso — ela não tinha nada contra integrantes do Submundo. Mas tinha muita coisa contra Amatis, que claramente não apreciava o que tinha. Stephen precisava de alguém que o admirasse, concordasse com ele, o apoiasse. Alguém como Céline. Se, ao menos, ela conseguisse fazê-lo enxergar isso por conta própria.

Eles vigiaram a feiticeira por algumas horas. Dominique du Froid frequentemente abandonava a barraca, saindo para fofocar ou fazer negócios com outros vendedores. Era quase como se ela quisesse que alguém mexesse em seus pertences.

Stephen bocejou de forma teatral.

— Eu estava esperando um desafio um pouco maior. Mas vamos acabar logo com isso e sair daqui. Esse lugar fede a Submundo. Já estou com a sensação de que preciso de um banho.

— *Ouai, c'est terrible* — Céline mentiu.

Quando Dominique voltou a abandonar a barraca, Stephen foi atrás dela. Robert entrou na área coberta pela cortina para procurar provas de negócios ilícitos. Céline ficou de tocaia, olhando as mercadorias da barraca ao lado, de onde poderia sinalizar para Robert, caso Dominique voltasse inesperadamente.

Claro que deixaram para ela a tarefa mais chata, a que não exigia nada além de olhar joias. Eles a achavam inútil.

Céline obedeceu, fingindo se interessar pelas amostras mais horrorosas de anéis encantados, correntes grossas douradas, pingentes com Demônios Maiores esculpidos em bronze e estanho. Então ela viu algo que, de fato, a interessou: um Irmão do Silêncio, deslizando para a barraca daquele jeito desconcertantemente não humano que eles tinham de andar. Ela ficou olhando de canto de olho enquanto o Caçador de Sombras de túnica examinava as joias com muito cuidado. O que alguém como ele poderia estar procurando em um lugar assim?

O licantrope pré-adolescente responsável pela barraca mal notou a presença de Céline. Mas se apressou até o Irmão do Silêncio, com os olhos arregalados de medo.

— Não pode ficar aqui — falou. — Meu chefe não gosta de fazer negócios com gente como você.

Você não é novo demais para ter um chefe?

As palavras reverberaram na mente de Céline, e, por um instante, ela ficou imaginando se o Irmão do Silêncio queria que ela escutasse. Mas isso parecia improvável — ela estava a alguns metros de distância, e não havia motivo para que ele a tivesse notado.

— Meus pais me expulsaram de casa quando fui mordido, então, é trabalhar ou passar fome — disse o menino, dando de ombros. — E eu gosto de comer. Por isso você tem que sair daqui antes que o chefe chegue e pense que estou vendendo alguma coisa para um Caçador de Sombras.

Estou à procura de uma joia.

— Olha, cara, não tem nada que não possa achar em outro lugar, melhor e mais barato. Tudo aqui é lixo.

Sim, estou vendo. Mas estou procurando uma coisa específica, algo que me disseram que só posso encontrar aqui. Um colar de prata com um pingente em forma de garça.

A palavra *garça* chamou a atenção de Céline. Era algo muito específico. E muito adequado a um Herondale.

— Hum, sim, não sei como você soube disso, mas é possível que tenhamos algo assim guardado aqui. Mas, como eu disse, não posso vender para...

E se eu pagar o dobro?

— Você nem sabe quanto é.

Não, não sei. E imagino que não vá receber uma oferta melhor, considerando que o colar não está à mostra para os outros clientes.

— Sim, eu mesmo disse isso, mas... — Ele se inclinou para frente e baixou a voz. Céline tentou não deixar tão óbvio que ela estava se esforçando para ouvir. — O chefe não quer que a mulher dele saiba que está vendendo. Disse que só temos que espalhar a notícia e um comprador vai nos achar.

E um comprador achou. Imagine a satisfação do seu empregador quando souber que você vendeu por mais do que ele pediu.

— Suponho que ele não precise saber quem comprou...

Não vai saber por mim.

O menino pensou por um instante, depois, se abaixou sob a bancada e reapareceu com um pingente prateado. Céline prendeu a respiração. Era uma garça delicadamente esculpida, brilhando ao luar, o presente perfeito para um jovem Herondale orgulhoso de sua família. Ela fechou os olhos, se permitindo entrar em uma realidade paralela em que podia presentear Stephen. Se imaginou pendurando o pingente no pescoço dele, roçando o nariz na pele macia, sentindo o cheiro dele. Imaginou-o dizendo *eu amei. Quase tanto quanto a amo.*

É lindo, não?

Céline se assustou com a voz do Irmão do Silêncio em sua cabeça. Claro que ele não podia ler seus pensamentos. Mas mesmo assim suas bochechas ruborizaram de vergonha. O menino voltou para o fundo da barraca para contar o dinheiro. O Irmão do Silêncio agora estava com os olhos fixos nela.

Ele era diferente dos outros Irmãos do Silêncio que ela já tinha visto; o rosto dele era jovem — até bonito. Os cabelos negros se misturavam a mechas prateadas, e os olhos e a boca estavam fechados, mas não costurados. Símbolos marcavam cruelmente cada bochecha. Céline se lembrou da inveja que sentia da Irmandade do Silêncio. Eles tinham cicatrizes como ela; suportavam muitas dores como ela. Mas as cicatrizes lhes davam poder; a dor deles não parecia nada, porque eles não tinham sensações. Não dava para ser Irmão do Silêncio se você fosse mulher. Isso nunca pareceu muito justo. As mulheres podiam, contudo, se juntar às Irmãs de Ferro. Céline gostava da ideia quando era mais nova, mas agora não tinha nenhum desejo de viver em uma planície vulcânica sem nada para fazer além de construir armas com *adamas*. Só de pensar, ficava claustrofóbica.

Desculpe assustá-la. Mas notei seu interesse no pingente.

— É... só me lembrou alguém.

Alguém de quem gosta muito, posso sentir.

— Sim. Eu suponho.

Esse alguém é, talvez, um Herondale?

— Sim, ele é maravilhoso. — As palavras escaparam por acidente, mas ela sentiu uma alegria inesperada por falar em voz alta. Ela nunca havia se permitido isso antes; não na frente dos outros. Nem mesmo sozinha.

Essa era a questão com os Irmãos do Silêncio. Estar com eles não era exatamente como estar com alguém, *nem* como estar sozinha. Confiar em um Irmão do Silêncio era como confiar em ninguém, ela pensou, pois para quem ele ia contar?

— Stephen Herondale — disse ela, baixinho, mas com firmeza. — Estou apaixonada por Stephen Herondale.

Sentiu uma onda de poder ao dizer essas palavras, quase como se falar em voz alta tornasse um pouco mais real.

O amor de um Herondale pode ser um grande presente.

— Sim, é incrível — retrucou ela, tão amarga que até o Irmão do Silêncio notou seu tom.

Eu a chateei.

— Não, é só que... eu disse que *eu o* amo. Ele mal percebe que estou viva.

Ah.

Era uma tolice, querer a solidariedade de um Irmão do Silêncio. Era como esperar solidariedade de uma pedra. O rosto dele se manteve impassível. Mas a voz que falou em sua mente foi gentil. Ela até se permitiu pensar que fosse um pouco doce.

Isso deve ser difícil.

Se Céline fosse outro tipo de menina, o tipo que tinha amigas, irmãs ou uma mãe que conversasse com ela sem desdém, ela poderia ter contado a outra pessoa sobre Stephen. Poderia ter passado horas conversando sobre seu tom de voz, sobre a forma como ele às vezes parecia flertar com ela, sobre a vez que ele a tocou no ombro em agradecimento quando ela lhe emprestou uma adaga. Talvez falar sobre o assunto pudesse suavizar a dor de amá-lo. Falar sobre Stephen poderia virar algo comum, como falar sobre o tempo. Um ruído de fundo.

Mas Céline não tinha com quem se abrir. Tudo que tinha eram seus segredos, e quanto mais os guardava, mais doíam.

— Ele nunca vai me amar — disse. — Tudo o que eu sempre quis foi estar perto dele, mas agora ele está bem aqui, e eu não posso tê-lo, e de certa forma

isso é até pior. Eu só... eu só... machuca demais.

Às vezes, acho que não há nada mais doloroso do que um amor negado. Amar quem não se pode ter, ficar ao lado de quem se deseja e ama e não poder tê-lo nos braços. Um amor que não pode ser correspondido. Não conheço nada mais doloroso do que isso.

Era impossível que um Irmão do Silêncio pudesse entender o que ela sentia. Mas...

Ele parecia entender muito bem.

— Eu gostaria de ser mais como você — admitiu ela.

Como assim?

— Você sabe, desligar meus sentimentos... Não sentir nada. Por ninguém.

Fez-se uma longa pausa, e ela ficou imaginando se o teria ofendido. Será que isso sequer era possível? Finalmente, a voz fria e firme falou outra vez.

Esse não é o tipo de coisa que você deveria desejar. Sentir é o que nos torna humanos. Até os sentimentos mais difíceis. Talvez, principalmente esses. Amor, perda, desejo; é isso que significa estar vivo de fato.

— Mas... você é um Irmão do Silêncio. Não é para sentir nada disso, certo?

Eu... Fez-se uma nova pausa longa. *Eu me lembro de sentir. Isso é o mais próximo que chego, às vezes.*

— E continua vivo, até onde posso perceber.

Às vezes, isso também é difícil de lembrar.

Se ela não soubesse, acharia que ele tinha suspirado.

O Irmão do Silêncio que ela conheceu na primeira vez que visitou o Mercado das Sombras fora gentil assim. Quando ele comprou o crepe para ela, não perguntou onde estavam seus pais, nem por que ela estava vagando sozinha pela multidão, e nem por que seus olhos estavam vermelhos de choro. Ele só se ajoelhou e fixou o olhar nela. *O mundo é um lugar muito difícil de se encarar sozinha*, ele disse na cabeça dela. *Você não precisa fazer isso.*

Depois, ele fez o que os Irmãos do Silêncio fazem de melhor e se calou. Ela soube, mesmo sendo criança, que ele estava esperando que ela dissesse do que precisava. Que, se pedisse, talvez ele até a ajudasse.

Ninguém podia ajudá-la. Mesmo na infância ela também sabia disso. Os Montclaire eram uma família de Caçadores de Sombras poderosa e respeitada. Seus pais eram amigos do Cônsul. Se ela contasse ao Irmão quem era, ele só a levaria para casa. Se ela contasse para ele o que a esperava lá, como seus pais *realmente* eram, ele provavelmente não acreditaria. Poderia até contar para eles que ela andava espalhando mentiras. E haveria consequências.

Ela agradeceu pelo crepe e se afastou.

Céline suportou muito tempo desde então. Depois do verão, ela voltaria para seu último ano na Academia e se formaria; nunca mais teria que morar na casa dos pais. Estava quase livre. Não precisava da ajuda de ninguém.

Mas o mundo ainda era um lugar difícil de se encarar sozinha.

E ela estava tão, tão sozinha.

— Talvez a dor de amar alguém seja um fato da vida, mas você realmente acha que *toda* dor é? Não acha que seria melhor parar de sentir dor?

Alguém a está machucando?

— Eu... — Ela tomou coragem. Ela era capaz e quase confiar. Poderia contar a esse estranho sobre a casa fria. Sobre os pais, que só pareciam notá-la quando ela fazia alguma coisa errada. Sobre as consequências disso. — É que...

Ela se interrompeu subitamente quando o Irmão do Silêncio virou as costas. Os olhos cegos pareciam seguir um homem de casaco preto que corria na direção dele. O homem parou onde estava quando viu o Irmão do Silêncio. O rosto, de repente, empalideceu. Em seguida, girou e correu para longe dele. A maioria dos integrantes do Submundo tinha medo dos Caçadores de Sombras atualmente, as notícias sobre as façanhas do Círculo tinham se espalhado. Mas, nesse caso, parecia algo pessoal.

— Você *conhece* aquele cara?

Peço desculpas, mas preciso fazer isso.

Irmãos do Silêncio não demonstram emoções, e, até onde Céline sabia, eles também não as sentiam. Mas se ela não soubesse disso, diria que esse Irmão do Silêncio estava sentindo algo muito profundo. Medo, talvez, ou empolgação, ou aquela estranha combinação dos dois que normalmente antecedia uma luta.

— Tudo bem, eu só...

Mas o Irmão do Silêncio já tinha ido. Ela estava sozinha outra vez. E graças ao Anjo por isso, pensou. Foi imprudente sequer brincar com a ideia de trazer à luz suas verdades sombrias. Quanta tolice, quanta fraqueza, querer ser ouvida. Querer ser *realmente* enxergada por alguém, ainda mais por um homem de olhos fechados. Seus pais sempre a chamaram de tola e fraca. Talvez tivessem razão.

#

Irmão Zachariah passou no meio da multidão do Mercado das Sombras, com cuidado para se manter a alguns metros de distância do seu alvo. Era um jogo estranho que estavam jogando. O homem, que atendia pelo nome de Jack Crow, certamente sabia que Zachariah o seguia. E o Irmão Zachariah poderia ter acelerado e dominado aquele homem a qualquer momento. Mas, por algum motivo, Crow não queria parar e o Irmão Zachariah não queria obrigá-lo a isso. Então Crow atravessou a arena até as ruas além dos portões.

O Irmão Zachariah o seguiu.

Ele lamentou deixar a menina tão subitamente. Sentia certa afinidade com ela. Ambos tinham entregado um pedaço de seus corações a um Herondale e amavam alguém que não podiam ter.

Claro, o amor do Irmão Zachariah era uma imitação pálida do verdadeiro amor humano. Ele amava através de uma cobertura espessa, e a cada ano ficava mais difícil se lembrar do que havia além. Se lembrar de como era *desejar* Tessa do jeito que um humano vivo desejava. Como era *precisar* dela. Zachariah não precisava de mais nada, de fato. Nem de comida, nem de sono, e nem mesmo, por mais que ele tentasse invocar isso, de Tessa. Seu amor permanecia, mas atenuado. O amor da menina tinha pontas afiadas, e conversar com ela o ajudou a lembrar.

E ela queria ajuda, ele percebeu. A parte mais humana dele ficou tentada a ficar ao lado da menina. Ela parecia tão frágil e tão determinada a parecer o contrário. Aquilo tocou o coração do Irmão Zachariah, mesmo já estando enterrado na pedra.

Ele tentava dizer a si mesmo que não. Afinal, sua simples presença aqui era prova de que seu coração ainda era humano. Ele vinha caçando há décadas por causa de Will, por causa de Tessa, porque parte dele ainda era Jem, o menino Caçador de Sombras que amou os dois.

Ainda ama os dois, o Irmão Zachariah lembrou a si mesmo. No presente.

O pingente de garça confirmava suas suspeitas. Esse definitivamente era o homem que ele estava procurando. Zachariah não podia deixá-lo escapar.

Crow desviou para um beco de pedras. O Irmão Zachariah o seguiu, tenso e alerta. Ele sentiu que sua perseguição lenta chegava ao fim. E, de fato, era um beco sem saída. Crow girou para encarar Zachariah, com uma faca na mão. Ele ainda era jovem, vinte e poucos anos, com o rosto orgulhoso e cabelos louros.

O Irmão Zachariah tinha uma arma e muito talento com ela. Mas não fez qualquer movimento de sacar o bastão. Esse homem jamais seria uma ameaça a ele.

— Tudo bem, Caçador de Sombras, você me queria, agora me tem — disse Crow, com os pés e a faca em posição, claramente esperando um ataque.

O Irmão Zachariah examinou o rosto dele, procurando por alguma coisa familiar. Mas não havia nada. Nada além de uma falsa coragem impertinente. Com seus olhos cegos, Zachariah conseguia enxergar através dessas fachadas. Conseguia enxergar o medo.

Ouviu um movimento atrás de si. E a voz de uma mulher.

— É como dizem, Caçador de Sombras. Cuidado com o que deseja.

O Irmão Zachariah virou, lentamente. Eis uma surpresa. Uma moça jovem — mais jovem até do que Crow — estava na entrada do beco. Ela era etereamente linda, com cabelos louros e o tipo de lábios rubis e olhos cobalto que inspiraram milhares de poemas ruins. Sorria um sorriso doce. Estava mirando uma besta diretamente para o coração do Irmão Zachariah.

Ele sentiu uma pontada de medo. Não por causa da faca ou da flecha; ele não temia nenhum dos dois. Preferia não lutar, mas se fosse necessário podia desarmá-los sem dificuldade. Eles não tinham condições de se proteger. Esse era o problema.

Seu medo vinha da constatação de que tinha atingido seu objetivo. Essa procura era o que ainda o ligava a Tessa, a Will, à sua antiga vida. E se hoje ele

perdesse a única coisa que ainda o ligava a Jem Carstairs? E se esse fosse seu último ato verdadeiramente humano?

— Anda, Caçador de Sombras — disse a moça. — Desembucha. Se tiver sorte, talvez possamos deixá-lo viver.

Não quero lutar com vocês. Pela reação deles, deu para perceber que não esperavam a voz em suas mentes. Esses dois sabiam o bastante para reconhecerem um Caçador de Sombras, mas aparentemente não sabiam tanto quanto pensavam. *Tenho procurado por você, Jack Crow.*

— Sim, foi o que ouvi. Alguém deveria tê-lo alertado de que pessoas que me procuram tendem a se arrepender.

Não desejo machucá-lo. Só quero dar um recado. É sobre quem você é e de onde vem. Pode ter dificuldade de acreditar nisso, mas...

— Eu sei, eu sei, eu também sou um Caçador de Sombras. — Crow deu de ombros. — Agora diga alguma coisa que eu não sei.

#

— Está aqui para comprar ou para roubar?

Céline largou o frasco de poção. Ele estilhaçou no chão, liberando uma lufada de fumaça azul nociva.

Depois que o Irmão do Silêncio a dispensou pelo cara de casaco preto, o menino licantrope fechou a barraca. E ficou encarando Céline até ela aceitar que era hora de seguir caminho. Então ela vagou até a barraca de Dominique du Froid, tentando parecer inofensiva. O que funcionou bem até a própria feiticeira aparecer, do nada.

— Veio causar problemas aqui? — perguntou Dominique, em francês.

Céline praguejou silenciosamente. Ela tinha *uma* função, humilhantemente fácil, e conseguira fracassar. Stephen não estava em lugar nenhum, e Robert continuava vasculhando a tenda.

— Estava esperando que você voltasse — disse Céline, alto o suficiente e em inglês, para que Robert pudesse ouvir. — Graças a Deus finalmente voltou. *Estou derretendo nesse calor*. — Ela falou essa última parte ainda mais alto. Era um código combinado, para emergências. Tradução: saia, *agora*.

Com sorte, conseguiria distrair a feiticeira o bastante para que ele pudesse se retirar sem ser visto.

Onde estava Stephen?

— *Bien sûr* — a feiticeira tinha um sotaque terrível, francês como se fosse do sul da Califórnia. Céline ficou imaginando se feiticeiros podiam surfar. — E o que está procurando, *mademoiselle*?

— Uma poção do amor. — Foi a primeira ideia que lhe ocorreu. Talvez por ter acabado de ver Stephen, correndo em direção a elas, ao mesmo tempo que tentava aparentar não estar correndo. Céline ficou imaginando como Dominique tinha escapado dele, e se o tinha feito propositalmente.

— Uma poção do amor, é? — A feiticeira seguiu o olhar e emitiu um ruído de aprovação. — Nada mal, mas um pouco robusto para o meu gosto. Quanto melhor o corpo, pior a mente, é o que penso. Mas talvez você prefira burro e bonito. *Chacun à son goût*, não é mesmo?

— Hum, *oui*, burro e bonito, certo. Então... — O que Robert estava fazendo lá atrás? Céline torceu para que ele tivesse conseguido escapar sem ser visto, mas não podia correr o risco. — Pode me ajudar?

— Amor não é minha especialidade, *chérie*. Qualquer pessoa que diga outra coisa por aqui está mentindo. Mas posso oferecer...

Ela se calou quando Stephen chegou, parecendo um pouco atordoado.

— Tudo bem por aqui?

Ele lançou um olhar preocupado a Céline. O coração dela acelerou. Stephen estava preocupado com ela. Céline fez que sim com a cabeça.

— Tudo ótimo. Só estávamos...

— Sua amiga quer que eu venda uma poção para ela se apaixonar por você — disse a feiticeira. Céline achou que fosse cair morta ali mesmo. — Eu estava prestes a dizer a ela que só posso oferecer uma alternativa. — E puxou algo que parecia uma lata de laquê de baixo da bancada e lançou uma lufada no rosto de Stephen. A expressão dele ficou relaxada.

— O que você fez? — gritou Céline. — E por que você *disse* aquilo?

— Ah, relaxa. Confie em mim, nesse estado ele não vai ligar para nada que ninguém diga. Observe.

Stephen encarava Céline como se jamais a tivesse visto antes. Ele esticou uma mão e a tocou na bochecha, gentilmente, com a expressão vaga. Olhava

para ela como se estivesse pensando: *será que você é* real?

— Na verdade, sua amiguinha loura está sofrendo de um caso grave de varíola demoníaca — disse Dominique a Stephen. Céline resolveu que não ia cair morta; ela ia matar essa feiticeira.

— Varíola demoníaca é tão sexy — disse Stephen. — Vai deixar verrugas? — Ele piscou para Céline. — Você ficaria linda com verrugas.

— Viu? — disse a feiticeira. — Já o consertei para você.

— O que você *fez*?

— Não é óbvio? Fiz o que me pediu. Bem, é um quebra-galho, mas para que mais serve o Mercado das Sombras?

Céline não sabia o que dizer. Ela estava furiosa por Stephen.

Por ela mesma, estava... outra coisa. Algo que não deveria estar.

— Alguém já te disse que você fica linda quando está confusa? — falou Stephen, abrindo um sorriso sonhador. — Claro, você também fica linda quando está irritada e quando está triste, e quando está feliz, quando está rindo, e quando está...

— O quê?

— Quando está me beijando — disse ele. — Mas isso é só um palpite. Quer testar?

— Stephen, não sei se você sabe bem...

Então ele a beijou.

Stephen Herondale a beijou.

Os lábios de Stephen Herondale estavam nos dela, as mãos dele estavam na sua cintura, acariciando suas costas, afagando as bochechas e os dedos acariciavam seus cabelos.

Ele a segurava firme, mais firme, como se quisesse mais do que podia ter dela, como se a quisesse toda.

Ela tentou se manter a certa distância. Isso não era real, lembrou a si mesma. Não era ele. Mas parecia real. Parecia Stephen Herondale, quente em seus braços, querendo-a, e ela parou de resistir.

Por um instante eterno, ela se perdeu naquela felicidade.

— Aproveite enquanto pode. Vai passar em mais ou menos uma hora.

A voz de Dominique du Froid a trouxe de volta para a realidade — a realidade em que Stephen era casado com outra pessoa. Céline se forçou a se

afastar. Ele soltou um pequeno ganido e pareceu que ia chorar.

— A primeira amostra é grátis. Se quiser uma coisa permanente, terá que pagar — disse a feiticeira. — Mas suponho que eu possa te dar o desconto para Caçadores de Sombras.

Céline congelou.

— Como você sabe que sou Caçadora de Sombras?

— Com sua graça e beleza, como poderia ser outra coisa? — disse Stephen. Céline o ignorou. Alguma coisa estava errada. Suas marcas estavam cobertas; as roupas eram convincentemente mundanas; as armas estavam escondidas. Não havia nada que revelasse sua verdadeira identidade.

— Ou talvez você queira comprar duas doses — disse a feiticeira. — Uma para esse bobalhão e outra para o bobalhão atrás da cortina. Não é tão bonito, é claro, mas esses mais nervosos podem ser muito divertidos quando relaxam...

A mão de Céline foi até a adaga escondida.

— Você parece surpresa, Céline — disse a feiticeira. — Realmente achou que eu não sabia que os três patetas estavam me observando? Achou que eu fosse simplesmente abandonar minha barraca sem um sistema de segurança? Acho que seu namoradinho não é o único burro e bonitinho por aqui.

— Como sabe o meu nome?

A feiticeira jogou a cabeça para trás e riu. Seus molares brilhavam com ouro.

— Todos os integrantes do Submundo de Paris conhecem a pobre Céline Montclaire, vagando pela cidade como uma Éponine assassina. Todos sentimos certa pena de você.

Céline vivia com uma raiva secreta fervente, mas agora sentiu que entrava em ebulição.

— Quer dizer, não posso me dar ao luxo de ter Caçadores de Sombras se metendo nos meus assuntos, então, ainda vou ter que dar um jeito em você, mas sentirei pena quando morrer.

Céline sacou a adaga quando um bando de demônios Halphas explodiu da tenda. As feras aladas foram para cima dela e de Stephen, com as garras afiadas esticadas e os bicos abertos, soltando gritos sobrenaturais.

— Pombos demoníacos! — gritou Stephen, enojado, com o espadão na mão. A lâmina brilhou, prateada, sob a luz das estrelas, enquanto ele cortava e feria asas espessas e escamadas.

Céline dançou e desviou de dois demônios que pareciam pássaros, contendo-os com sua adaga enquanto sacava duas lâminas serafim com a mão livre.

— *Zuphlas* — sussurrou. — *Jophiel*. — Quando as lâminas começaram a brilhar, ela as lançou em direções opostas. Cada uma acertou a garganta de um demônio. E os demônios Halphas explodiram em uma nuvem de penas ensanguentadas e icor. Céline já estava se movimentando, pulando através da cortina da feiticeira. — Robert! — chamou.

Ele estava trancado no que parecia uma antiga gaiola gigantesca cujo piso estava coberto por penas de Halphas, assim como ele. Não parecia ferido. Mas estava *muito* infeliz.

Céline rompeu a tranca o mais rápido que pôde, e os dois se juntaram novamente a Stephen, que tinha conseguido se livrar de vários dos demônios, embora muitos deles tivessem decolado em segurança, girando e mergulhando pelo céu noturno. Dominique tinha aberto um Portal e estava prestes a escapar por ele. Robert a pegou pela garganta, em seguida, bateu com a ponta da espada na cabeça dela com uma pancada forte. Ela caiu no chão, desmaiada.

— Lá se vai a sutileza — disse ele.

— Céline, você se feriu! — gritou Stephen, parecendo horrorizado.

Céline percebeu que um bico de demônio tinha arrancado um pedaço de sua panturrilha. O sangue estava ensopando o jeans. Ela mal sentiu, mas quando a adrenalina da batalha passou, uma dor forte e aguda tomou seu lugar.

Stephen já estava com a estela na mão, ansioso por aplicar um *iratze*.

— Você fica ainda mais bonita quando está sangrando — falou.

Céline balançou a cabeça e recuou.

— Eu mesma posso fazer isso.

— Mas eu ficaria honrado em curar sua pele perfeita — protestou Stephen.

— Ele levou uma pancada na cabeça? — perguntou Robert.

Céline estava envergonhada demais para explicar. Felizmente o grito dos demônios Halphas ecoou ao longe, seguido pelo grito de uma mulher.

— Vocês dois fiquem de olho na feiticeira — exclamou ela. — Eu cuido do resto dos demônios antes que comam alguém. — Ela se foi sem que Robert pudesse fazer mais perguntas.

— Vou sentir saudades! — Stephen gritou atrás dela. — Você fica linda quando tem sede de sangue!

#

Há quase duzentos anos, o Caçador de Sombras Tobias Herondale tinha sido condenado por covardia. Um crime punível com a morte. A Lei, naqueles dias, não era apenas dura, mas implacável. Tobias enlouqueceu e fugiu antes que pudesse ser executado, e, na falta dele, a Clave aplicou a punição à esposa, Eva. Morte para ela. Morte para a criança Herondale que ela esperava.

Essa, pelo menos, era a história.

Há muitas e muitas décadas, Zachariah descobrira a verdade por trás da história. Ele tinha conhecido a feiticeira que salvou o bebê de Eva — e após a morte da mãe, criou a criança como se fosse sua.

Aquela criança teve uma criança, que teve uma criança, e assim foi: uma linhagem secreta de Herondale, afastada do mundo dos Caçadores de Sombras. Até agora.

O sobrevivente desta linhagem corria grave perigo. Por um longo tempo, isso foi tudo que o Irmão Zachariah soube. Por Tessa e por Will, ele se dedicou a saber mais. Seguiu migalhas, foi até becos sem saída, quase morreu nas mãos de uma fada que queria que o Herondale perdido continuasse perdido. Ou pior, Zachariah temia.

O descendente perdido de Tobias Herondale tinha se apaixonado por uma fada. Seu filho — e todos os filhos de seus filhos — era parte Caçador de Sombras, parte fada.

O que significava que Zachariah não era o único que o procurava. Ele desconfiava, no entanto, que era o único que não tinha nenhuma intenção de fazer mal. Se um emissário das fadas estava disposto a atacar não apenas um

Caçador de Sombras, mas um Irmão do Silêncio — disposto a violar os Acordos da pior forma possível —, simplesmente para interromper a busca, então encontrá-lo era um imperativo. Certamente o perigo era mortal.

Décadas de investigações discretas o trouxeram até aqui, até o Mercado das Sombras de Paris, ao homem que diziam possuir um precioso pingente em forma de garça, uma herança Herondale. O homem de nome Crow, que a maioria das pessoas presumia se tratar de um mundano com a Visão, conhecido como habilidoso, porém, pouco confiável, um homem satisfeito com a vida nas sombras.

Zachariah soubera do pingente primeiro — foi uma feiticeira de Paris que tomou conhecimento de sua busca e entrou em contato com ele confirmando a existência do objeto. Ela disse que suas suspeitas estavam corretas: o dono do pingente, não importa que nome ele se atribuísse, era um Herondale.

O que, aparentemente, era notícia velha para todo mundo, exceto para Zachariah.

Você sabia sobre sua linhagem esse tempo todo? E nunca se revelou?

— Querida, acho que você pode guardar sua arma — disse Crow para a mulher. — O monge adivinho não parece querer nos fazer mal.

Ela abaixou a arma, mas não pareceu muito satisfeita com isso.

Obrigado.

— E talvez pudesse nos deixar conversar a sós — emendou Crow.

— Não acho uma boa ideia...

— Rosemary, confie em mim. Está tudo certo.

A mulher, que devia ser a esposa dele, suspirou. Era o som de alguém que conhecia teimosia e há muito já tinha desistido de tentar combater.

— Tudo bem. Mas você... — Ela cutucou o Irmão Zachariah com a besta com força suficiente para que ele a sentisse através das roupas espessas. — Se alguma coisa acontecer com ele, eu vou atrás de você e o faço pagar por isso.

Não tenho a menor intenção de permitir que algo aconteça a nenhum de vocês dois. Por isso vim.

— Sei. — Ela abraçou Crow. Eles ficaram abraçados por um bom tempo. Zachariah sempre ouvia a expressão "agarrar-se à vida", mas raramente a testemunhara de fato. O casal se abraçou como se fosse o único jeito de sobreviver.

Ele se lembrava de como era amar alguém assim. Ele se lembrava da impossibilidade de dizer adeus. A mulher sussurrou alguma coisa para Crow, em seguida, pegou sua arma e desapareceu pela noite parisiense.

— Somos recém-casados e ela é um pouco protetora demais — disse Crow. — Sabe como é.

Temo não saber.

Crow o olhou de cima a baixo, e o Irmão Zachariah ficou imaginando o que esse homem via. O que quer que fosse, ele não parecia impressionado.

— Sim, suponho que não saiba.

Estou procurando por você há muito tempo, mais do que possa imaginar.

— Olha, sinto muito que tenha perdido seu tempo, mas não quero nada com vocês.

Temo que não saiba o perigo que corre. Não sou o único a procurá-lo...

— Mas é o único que pode me proteger, certo? "Venha comigo se quiser sobreviver" e tudo mais? Sim, eu já vi esse filme. Não estou interessado em encená-lo.

Ele era muito seguro de si, pensou o Irmão Zachariah, e sentiu o estranho impulso de sorrir. Talvez houvesse algo de familiar aqui, afinal.

— Um homem como eu tem sua cota de inimigos. Cuidei de mim mesmo a vida toda, e não vejo motivo para...

O que quer que tenha dito em seguida foi abafado por um grito horrível. Um demônio gigantesco, parecido com um pássaro, desceu, agarrou o casaco de Crow com seu bico afiado e o levantou pelo ar.

O Irmão Zachariah pegou uma das lâminas serafim que havia trazido, para qualquer emergência.

Mebahiah, ele a chamou, e lançou contra o demônio. A lâmina perfurou o esterno emplumado e o demônio explodiu no ar. Crow caiu de alguns metros no chão e aterrissou feito um montinho barulhento de penas e icor. Zachariah correu para ajudá-lo a se levantar, mas o esforço foi vão.

Crow examinou o buraco no casaco com nojo.

— Era novinho!

É, de fato, um belo casaco. Ou... era. Zachariah não mencionou a sorte que foi o demônio Halphas não ter perfurado nada mais valioso. Como uma costela.

— Então é sobre esse tipo de perigo que veio me alertar? Salvar meu casaco de uma gaivota demoníaca?

Me pareceu mais um pombo demoníaco.

Crow se limpou. Lançou um olhar desconfiado para o céu, como se estivesse esperando um novo ataque.

— Ouça, senhor...

Irmão. Irmão Zachariah.

— Certo, tudo bem, cara, dá para perceber que um sujeito como você seria útil em uma luta. E se você está determinado a me proteger de algum perigo grande e assustador, acho que não vou impedi-lo.

O Irmão Zachariah se surpreendeu com a súbita mudança de ideia. Talvez quase morrer bicado por um pombo demoníaco às vezes tivesse esse efeito nas pessoas.

Gostaria de levá-lo para um lugar seguro.

— Certo. Tudo bem. Me dê algumas horas para resolver uns problemas, e eu e Rosemary o encontraremos na Pont des Arts ao amanhecer. Faremos o que você quiser. Eu prometo.

Posso acompanhá-lo enquanto resolve seus problemas.

— Ouça, *irmão*, os problemas de que estou falando não são receptivos a Caçadores de Sombras se metendo em seus assuntos. Se é que você me entende.

Entendo que parece levemente criminoso.

— Quer dar voz de prisão a um cidadão?

Estou preocupado com a sua segurança.

— Dei conta de vinte e dois anos sem a sua ajuda. Acho que aguento mais seis horas, não?

O Irmão Zachariah tinha investido décadas nessa busca. Não parecia nada sábio deixar o rapaz escapar, com apenas uma promessa de que voltaria. Principalmente considerando o que tinha descoberto sobre a reputação dele. Não inspirava muita confiança.

— Olha, eu sei o que está pensando, e sei que não posso impedi-lo de me seguir. Mas vou perguntar na lata: você quer que eu confie em você? Então tente confiar em mim. E eu juro pelo que você quiser que seu precioso Caçador de Sombras perdido estará esperando na ponte ao amanhecer.

Contra a própria vontade, o Irmão Zachariah assentiu.

Vá.

#

Céline não gostava de tortura. Não que eles fossem chamar assim o que quer que fizessem com a feiticeira para que ela falasse. Valentim ensinou ao Círculo que tivessem cuidado com as palavras. Robert e Stephen iriam "interrogar" Dominique du Froid, se utilizando de quaisquer métodos necessários. Quando obtivessem as respostas que buscavam — os nomes dos contatos Caçadores de Sombras, detalhes sobre os crimes cometidos —, eles a entregariam, junto com um inventário de seus pecados, a Valentim.

A feiticeira estava amarrada a uma cadeira dobrável no apartamento barato que vinham utilizando como base.

Ela estava inconsciente, e sangue pingava do ferimento superficial na testa.

Era assim que Robert e Stephen se referiam a ela, não pelo nome, mas como *a feiticeira*, como se ela fosse mais coisa do que pessoa.

Valentim queria que conduzissem a investigação sem alertar a feiticeira sobre sua presença. Era apenas meia-noite do primeiro dia em Paris e eles já tinham estragado tudo.

— Se entregarmos algumas respostas, ele não vai ficar muito bravo — disse Stephen. Soou mais como um desejo do que uma previsão.

Stephen tinha parado de falar sobre a beleza estonteante das pernas de Céline e as características viciantes de sua pele de porcelana. Ele alegava não se lembrar dos efeitos da poção da feiticeira, mas seu olhar desviava para Céline toda vez que achava que ela não estava olhando. Ela não conseguia parar de imaginar.

E se ele lembrasse?

E se, depois de tê-la tocado, abraçado e beijado, ele tivesse descoberto um novo desejo?

Ele ainda era casado com Amatis, é claro; mesmo que desejasse Céline — ou até a amasse um pouco — não havia nada que pudesse ser feito a respeito.

Mas e se?

— Mais alguém está com fome? — perguntou Céline.

— E quando é que eu não estou com fome? — retrucou Stephen. Ele deu um tapa forte na feiticeira. Ela se mexeu, mas não acordou.

Céline foi até a porta.

— Por que eu não procuro algo para comermos enquanto vocês... cuidam disso?

Robert puxou o cabelo da feiticeira com força. Ela gritou e seus olhos abriram.

— Não deve demorar.

— Ótimo. — Céline torceu para que eles não percebessem o quão desesperada ela estava para sair dali. Não tinha estômago para esse tipo de coisa, mas não podia correr o risco de que eles relatassem isso a Valentim. Ela tinha dado duro demais para conquistar o respeito dele.

— Ei, você está mancando — disse Stephen. — Precisa de mais um *iratze*?

Ele estava preocupado com ela. Ela disse a si mesma para não ficar tentando ler nas entrelinhas.

— Não está mais doendo — mentiu. — Estou bem.

Ela não aplicara o símbolo de cura direito, e o machucado não tinha fechado totalmente. Às vezes, preferia sentir dor.

Quando ela era criança, seus pais frequentemente se recusavam a aplicar *iratzes* após treinamentos, principalmente quando os ferimentos tivessem sido resultado de seus próprios erros. *Que a dor seja um lembrete para agir melhor da próxima vez*, eles diziam. Tantos anos depois, e ela ainda cometia tantos erros.

Céline estava na metade da escadaria quando percebeu que tinha esquecido a carteira. Subiu com dificuldade e hesitou do lado de fora da porta, parando ao ouvir seu nome.

— Eu e Céline? — Ela ouviu Stephen dizer.

Sentindo-se ligeiramente ridícula, ela pegou a estela e desenhou um símbolo cuidadoso na porta. As vozes amplificadas soaram altas e claras.

Stephen riu.

— Você só pode estar brincando.

— Pareceu um beijo bem bom...

— Eu estava sob efeito de drogas!

— Mesmo assim. Ela é bonita, não acha?

Fez-se uma pausa tortuosa.

— Não sei, nunca pensei nisso.

— Você sabe que o casamento não significa que você não pode *olhar* para outras mulheres, certo?

— Não é isso — disse Stephen. — É...

— O jeito como ela o segue feito um cachorrinho babão?

— Isso não ajuda — Stephen admitiu. — Ela é só uma *criança*. Quer dizer, não importa a idade que tenha, ela sempre vai precisar de alguém que a diga o que fazer.

— Isso é verdade — falou Robert. — Mas Valentim parece convencido de que ela tem algo mais.

— Ninguém está sempre certo — disse Stephen, e agora os dois estavam rindo. — Nem ele.

— Que ele não o ouça!

Céline não se deu conta de que estava em movimento até sentir a chuva no rosto. Ela sucumbiu contra a pedra gelada da fachada do prédio, desejando poder derreter nela. Se transformar em pedra; desligar os nervos, os sentidos, o coração; não sentir *nada*... quem dera.

O riso deles ecoou em seus ouvidos.

Ela era uma piada.

Era ridícula.

Era alguém em quem Stephen jamais pensava, com quem ele nunca se importou, que ele nunca quis. Que nunca ia querer, de jeito nenhum.

Ela era uma criatura ridícula. Uma criança. Um erro.

As calçadas estavam vazias. As ruas brilhavam com a chuva. O farol no alto da Torre Eiffel tinha sido apagado, junto com o restante da cidade. Céline se sentiu completamente sozinha. Sua perna estava latejando. As lágrimas não paravam. Seu coração berrava. Ela não tinha para onde ir, mas não podia voltar lá para cima, para aquele apartamento, para aqueles risos. E partiu cegamente pela noite parisiense.

#

Céline se sentia em casa nas ruas escuras e adormecidas. Ficou vagando durante horas. Pelo Marais e pelo imenso Pompidou, atravessando da margem direita do Sena para a esquerda, e voltando. Visitou as gárgulas de Notre Dame, aqueles demônios de pedra horrorosos agarrados às flechas góticas, esperando sua chance de devorarem os fiéis. Não parecia justo que a cidade estivesse tão cheia de criaturas de pedra incapazes de sentir, e cá estava ela, sentindo demais.

Ela estava nas Tulherias — mais fantasmas sangrentos, mais criaturas feitas de pedra — quando viu o rastro de icor. Ainda era uma Caçadora de Sombras, por isso seguiu o rastro e alcançou o demônio Shax no bairro da Ópera, mas ficou nas sombras, esperando para ver o que ele estava fazendo. Demônios Shax eram rastreadores, utilizados na caça de pessoas que não queriam ser encontradas. E esse demônio definitivamente estava procurando alguma coisa.

Céline, por sua vez, o rastreou.

Ela o perseguiu pelos jardins silenciosos do Louvre. O icor escorria de um ferimento, mas ele não se movia como uma criatura se recolhendo para cuidar dos machucados. As garras gigantescas deslizavam pelos paralelepípedos enquanto ele hesitava nas esquinas, escolhendo qual caminho seguir. Era um predador procurando sua presa.

O demônio parou no arco do Louvre, ao pé da Pont des Arts. A pequena ponte de pedestres se estendia pelo Sena, as grades cheias de cadeados de apaixonados. Dizia-se que, se um casal prendesse um cadeado na Pont des Arts, seu amor seria eterno. A ponte estava quase deserta a essa hora, exceto por um jovem casal abraçado, completamente desavisado quanto ao demônio Shax saindo das sombras, com as garras batendo com expectativa.

Céline sempre carregava uma lâmina de misericórdia. A ponta fina era exatamente o que precisava para penetrar a carapaça insectoide do demônio.

Tomara.

— *Gadreel* — sussurrou, nomeando uma lâmina serafim. Ela chegou sorrateiramente por trás do demônio Shax, tão firme e silenciosa quanto ele. Ela também era uma predadora. E, com um movimento suave e certeiro,

perfurou a carapaça com a misericórdia para, em seguida, enfiar a lâmina serafim no ferimento aberto.

O demônio se dissolveu.

Foi tudo tão rápido e silencioso que o casal na ponte nem interrompeu o abraço. Estavam ligados demais um ao outro para perceberam o quão próximo estiveram de serem devorados por um demônio. Céline ficou ali, tentando imaginar: estar na ponte com alguém que a amasse, um homem olhando tão fixamente em seus olhos a ponto de não perceber o fim do mundo.

Mas a imaginação de Céline foi interrompida. A realidade a envolveu. Enquanto pensava que Stephen não a notava, ela podia fantasiar sobre o que aconteceria se ele notasse.

Agora ela sabia. Não tinha como des-saber.

Céline limpou e guardou a lâmina; em seguida, se aproximou do casal, perto o bastante para ouvir o que estavam dizendo. Ela estava disfarçada, afinal, não tinha mal nenhum ouvir um pouco de conversa alheia. O que um homem dizia para a mulher que amava quando achava que mais ninguém podia escutar? Talvez nunca descobrisse, se ficasse esperando que alguém dissesse para ela.

— Detesto dizer que avisei — a mulher estava falando —, mas...

— Quem podia imaginar que ele estaria tão disposto a confiar em uma feiticeira?

— Quem podia imaginar que alguém pudesse acreditar que *você* era o descendente perdido de uma linhagem nobre de Caçadores de Sombras? — falou e, em seguida, riu. — Ah, espere, eu sabia. Admita, no fundo, você sabia que ia funcionar. Você só não queria.

— Claro que eu não queria. — Ele a tocou na bochecha, de um jeito incrivelmente gentil. — Detesto isso. Detesto deixá-la aqui.

— Não será por muito tempo. E é melhor assim, Jack, eu juro.

— Você vai me encontrar em Los Angeles assim que tudo estiver resolvido? Jura?

— No Mercado das Sombras. Na nossa velha casa. Juro. Assim que eu tiver certeza de que o rastro esfriou. — Ela o beijou, um beijo longo e intenso.

Quando pressionou a mão contra a bochecha dele, Céline viu o brilho de uma aliança de casamento.

— Rosemary...

— Não quero você perto dessas pessoas. Não é seguro.

— Mas é seguro para você?

— Você sabe que estou certa — disse ela.

O homem abaixou a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos do casaco. Parecia caro, exceto pelo buraco no lado esquerdo.

— Sei.

— Pronto?

Ele fez que sim com a cabeça, e ela pegou um pequeno frasco da bolsa.

— É bom que funcione. — Ela o entregou ao marido, que tirou a rolha, engoliu o conteúdo, e o jogou no rio.

Logo depois, ele levou as mãos ao rosto e começou a gritar.

Céline entrou em pânico. Não cabia a ela interferir, mas ela não podia simplesmente ficar aqui e testemunhar enquanto essa mulher assassinava...

— Jack, Jack, está tudo bem, você está bem.

Ela se agarrou ao marido, que gemia e tremia, e finalmente se aninhou silenciosamente em seus braços.

— Acho que funcionou — disse ele.

Quando se separaram, Céline prendeu a respiração. Mesmo à pouca luz da rua, ela conseguia ver que o rosto dele havia se transformado. Ele era louro e tinha olhos verdes e atentos, traços fortes, tinha mais ou menos a idade de Stephen e era quase tão bonito quanto ele. Agora parecia dez anos mais velho, com o rosto cheio de rugas de preocupação, cabelos cor de lama e o sorriso torto.

— Horroroso — falou a mulher chamada Rosemary em tom de aprovação. Em seguida, ela o beijou novamente, com o mesmo desespero de antes, como se nada tivesse mudado. — Agora vá.

— Tem certeza?

— Tanto quanto tenho certeza de que te amo.

O homem fugiu noite adentro, e seu casaco se confundiu com a escuridão.

— E jogue o casaco fora! — Rosemary gritou atrás dele. — É óbvio demais!

— Nunca! — gritou ele em resposta, e depois sumiu.

Rosemary se inclinou na ponte e enterrou o rosto nas mãos. Por isso não viu a gárgula atrás dela piscar os olhos e apontar o focinho de pedra em sua direção.

Céline, de repente, se lembrou: a Pont des Arts não *tinha* gárgulas. Era um demônio Achaieral de carne e sangue, e parecia faminto.

Com um rugido furioso, a sombra monstruosa se desgrudou da ponte e abriu um enorme par de asas de morcego, que escureceu a noite. Com uma velocidade chocante, Rosemary pegou uma espada e atacou. O demônio gritou de dor, arranhando as garras contra a lâmina metálica com força suficiente para derrubá-la das mãos da moça. Rosemary caiu no chão e o demônio aproveitou a oportunidade. Pulou para o peito dela, imobilizando-a sob suas asas enormes e sibilou, aproximando os dentes:

— *Sariel* — murmurou Céline e golpeou o demônio no pescoço com sua lâmina serafim. Ele gritou de dor e girou para cima dela, com as entranhas aparecendo enquanto tentava atacar, em seus últimos momentos.

Rosemary empunhou a espada e decapitou a criatura, segundos antes da cabeça e do tronco explodirem em uma nuvem de poeira. Satisfeita, ela caiu para trás, e o ferimento no ombro sangrava sem parar.

Céline imaginava o quanto estava doendo — e o quão determinada a mulher estava a não revelar qualquer dor. Ela se ajoelhou ao lado dela. Rosemary recuou.

— Deixe-me ver... eu posso ajudar.

— Eu jamais pediria ajuda a uma Caçadora de Sombras — disse ela amargamente.

— Você não pediu, para falar a verdade. E de nada.

A mulher suspirou, depois examinou o machucado ensanguentado. Ela o tocou com cuidado, e fez uma careta.

— Já que está aqui, quer aplicar um *iratze*?

Estava claro que a mulher não era mundana. Mesmo uma mundana com o dom da Visão não poderia ter lutado como ela lutou. Mas isso não significava que pudesse suportar um *iratze*. Ninguém que não fosse Caçador de Sombras podia.

— Olha, não tenho tempo para explicar e não posso ir ao hospital e contar que fui ferida por um demônio, não é mesmo?

— Se você conhece *iratzes*, então sabe que só um Caçador de Sombras pode suportar os símbolos — disse Céline.

— Eu sei. — Rosemary a encarou com firmeza.

Ela não tinha o símbolo da Clarividência. Mas a forma como se moveu, o jeito como lutou...

— Você já usou algum símbolo antes? — perguntou hesitante.

Rosemary sorriu.

— O que você acha?

— Quem *é* você?

— Ninguém com quem precise se preocupar. Vai ajudar ou não?

Céline pegou a estela. Aplicar um símbolo em alguém que não fosse Caçador de Sombras significava provável morte, agonia certa. Ela respirou fundo, depois aplicou cuidadosamente a estela na pele.

Rosemary soltou um suspiro de alívio.

— Vai me contar quem mandou um demônio Shax atrás de você? — perguntou Céline. — E se foi a mesma pessoa que se certificou de que haveria um demônio Achaieral aqui para concluir o serviço?

— Não. Você vai me contar por que está vagando no meio da noite com cara de quem teve sua pedra de estimação afogada por alguém no Sena?

— Não.

— Muito bem, então. E obrigada.

— O cara que estava com você aqui antes...

— Está falando daquele que você não viu e sobre o qual jamais vai comentar nada, nunca, se souber o que é melhor para você?

— Você o ama e ele a ama, certo? — perguntou Céline.

— Acho que deve amar, porque algumas pessoas perigosas estão atrás de mim — disse Rosemary. — E ele fez o melhor que pôde para garantir que estejam procurando por ele, na verdade.

— Não entendo.

— E não precisa entender. Mas sim. Ele me ama. E eu o amo. Por quê?

— Eu só... — Ela queria perguntar como era, como se sentia. Também queria prolongar a conversa. Tinha medo de ficar sozinha outra vez,

abandonada na ponte entre o escuro infinito do rio e do céu. — Só quero ter certeza de que tem quem cuide de você.

— Nós cuidamos um do outro. É assim que funciona. Por falar nisso... — Ela examinou Céline. — Estou em dívida com você agora, por ter me ajudado com o demônio. E por guardar meu segredo.

— Eu não disse que iria...

— Você vai. E eu não acredito em dívidas, então deixe-me fazer um favor.

— Não preciso de nada — disse Céline, querendo dizer *não preciso de nada que alguém possa me dar*.

— Eu mantenho os olhos abertos e vejo o que está acontecendo no mundo dos Caçadores de Sombras. Você precisa de mais do que imagina. Acima de tudo, você precisa ficar longe de Valentim Morgenstern.

Céline enrijeceu.

— O que você sabe sobre Valentim?

— Sei que você faz bem o tipo dele, jovem e emotiva, e sei que ele não é confiável. Presto atenção nas coisas. Você deveria fazer o mesmo. Ele não está te contando tudo. Eu sei disso. — Ela olhou por cima do ombro de Céline, e seus olhos se arregalaram. — Vem vindo alguém. É melhor sair daqui.

Céline se virou. Um Irmão do Silêncio vinha pela margem esquerda, se aproximando da beira da ponte. Não havia como saber se era o mesmo que tinha conhecido no Mercado das Sombras, mas ela não podia correr o risco de encontrá-lo novamente. Não depois do que contou para ele. Era humilhante demais.

— Lembre-se — disse Rosemary. — Valentim não é confiável.

— E por que eu deveria confiar em *você*?

— Por motivo algum — retrucou a outra. Sem mais uma palavra, ela percorreu a ponte em direção ao Irmão do Silêncio.

O céu estava clareando. A noite sem fim tinha dado lugar ao amanhecer.

#

Eu esperava encontrar seu marido nessa ponte. Mas mesmo enquanto formava as palavras, o Irmão Zachariah sentiu que não eram verdadeiras.

Ele tinha confiado em um homem que sabia que não era confiável. Permitiu que sua simpatia à linhagem Herondale, seu desejo de acreditar que restava algum laço entre os Carstairs e os Herondale — apesar de esse homem mal ser um Herondale e Zachariah mal ser um Carstairs — comprometessem seu julgamento. E agora talvez Jack Crow tivesse que enfrentar as consequências.

— Ele não vem. E você nunca mais vai vê-lo, Caçador de Sombras, então sugiro que nem procure.

Entendo que os Caçadores de Sombras tenham dado todos os motivos para a sua família não confiar em nós, mas...

— Não leve para o lado pessoal, eu não confio em ninguém — disse ela. — Foi assim que consegui me manter viva.

A jovem era teimosa e grosseira, e o Irmão Zachariah não conseguia deixar de gostar dela.

— Quer dizer, se eu *fosse* confiar em alguém, não seria em um culto de fundamentalistas violentos que adoram executar seus semelhantes... mas, como disse, não confio em ninguém.

Exceto em Jack Crow.

— Esse não é mais o nome dele.

Qualquer que seja o nome que escolha, sempre será um Herondale.

Ela riu, e ao fazê-lo, seu rosto assumiu uma expressão estranhamente familiar. Familiar como Jack Crow nunca fora.

— Você não sabe de nada, Caçador de Sombras.

Irmão Zachariah pegou na túnica o colar de garça que havia comprado no Mercado das Sombras. O colar, ele se lembrou, que Crow vendera sem permissão ou conhecimento da esposa. Como um homem só faria se não fosse dele. O pingente brilhou à luz do amanhecer. Zachariah notou a surpresa dela e ofereceu a corrente.

Ela abriu a mão e deixou que ele colocasse gentilmente o pingente na palma. Algo profundo nela pareceu se ajustar quando fechou a mão em volta do pingente de garça — como se tivesse perdido um pedaço essencial de sua alma e agora tivesse recuperado.

— Um pombo? — Ela ergueu as sobrancelhas.

Uma garça. Talvez você a reconheça?

— Por que reconheceria?

Porque eu a comprei do seu marido.

Os lábios dela se contraíram, formando uma linha fina e tensa. A mão se fechou num punho em volta do colar. Ficou claro que o menino da barraca falou a verdade: ela não sabia que o pingente estava à venda.

— Então por que está me dando?

Ela podia fingir falta de interesse, mas Zachariah ficou imaginando o que diria se ele pedisse de volta. Desconfiou que teria que brigar por isso.

Porque tenho a sensação de que pertence a você... e à sua família.

Ela se retesou, e o Irmão Zachariah notou o movimento mínimo da mão dela, como se estivesse alcançando instintivamente uma arma. Ela tinha instintos aguçados, mas também autocontrole... e arrogância, graça, lealdade, a capacidade de amar muito, e uma risada capaz de iluminar o céu.

Ele tinha vindo a Paris em busca do Herondale perdido.

E a encontrara.

— Não sei do que está falando.

Você é a Herondale. Não o seu marido. Você. A herdeira perdida de uma nobre linhagem de guerreiros.

— Não sou ninguém — ela se irritou. — Ninguém do seu interesse, pelo menos.

Eu poderia entrar na sua mente e confirmar a verdade.

Ela se encolheu. Zachariah não precisava ler a mente dela para entender o pânico, nem as grandes dúvidas em relação a si mesma enquanto tentava entender como ele tinha descoberto a verdade.

Mas eu não invadiria seus segredos. Só quero ajudar.

— Meus pais me contaram tudo que eu preciso saber sobre os Caçadores de Sombras — falou, e o Irmão Zachariah entendeu que isso seria o mais próximo de uma confissão que ele ouviria. — Sua preciosa Clave. Sua *Lei*. — Ela cuspiu depois da última palavra como se fosse veneno.

Não estou aqui como representante da Clave. Eles nem imaginam que vim até você — nem mesmo que você existe. Tenho meus próprios motivos para encontrá-la, para protegê-la.

— Quais são?

Eu não invadiria seus segredos, e peço que não invada os meus. Saiba apenas que tenho uma grande dívida com sua família. Os laços que me ligam aos Herondale são mais profundos que sangue.

— Bem, é muita gentileza sua e tudo mais, mas ninguém cobrou nenhuma dívida — disse Rosemary. — Eu e Jack estamos bem, cuidando um do outro, e é isso que continuaremos fazendo.

Foi inteligente de sua parte fazer parecer que era seu marido que eu procurava, mas...

— Foi inteligente da parte de *Jack*. As pessoas o subestimam. E pagam caro por isso.

... mas se eu pude penetrar seu disfarce, outros que a procuram podem fazer o mesmo. E eles são mais perigosos do que você imagina.

— Esses "outros" de quem você fala mataram meus pais. — O rosto de Rosemary ficou impassível. — Eu e Jack estamos fugindo há anos. Pode acreditar, eu sei exatamente o perigo que corro. E sei o quão perigoso é confiar em um estranho, até mesmo em um estranho com poderes psíquicos ninjas e um senso estranho de moda.

Uma das coisas que o Irmão Zachariah aprendeu na Irmandade do Silêncio foi o poder da aceitação. Às vezes, era mais forte reconhecer uma luta vã e aceitar a derrota, para assim preparar melhor o terreno para a próxima batalha.

Apesar de não ser uma batalha, ele lembrou a si mesmo. Não dava para guerrear pela confiança de alguém; só era possível conquistá-la.

Seu pingente de garça agora tem um feitiço. Se você se deparar com algum problema que não consiga enfrentar sozinha, basta me chamar, e eu irei.

— Se você pensa que pode nos rastrear com essa coisa...

Seu marido sugeriu que a única maneira de conquistar a confiança é oferecendo-a. Não vou tentar encontrá-la, se você não quiser ser encontrada. Mas com esse pingente, sempre poderá me encontrar. Confio que vai me chamar se, ou quando, precisar de ajuda. Por favor, confie que sempre responderei.

— E quem é você, exatamente?

Pode me chamar de Irmão Zachariah.

— Eu poderia, mas caso me encontre nessa situação hipotética em que um monge com sede de sangue precise salvar a minha vida, prefiro saber seu nome verdadeiro.

Eu já fui... fazia tanto tempo. Ele quase não se sentia digno de ter o nome. Mas sentia um prazer profundo, quase humano, em se permitir tê-lo. *Já fui conhecido como James Carstairs. Jem*.

— Então quem *você* chamará se encontrar problemas que não puder resolver sozinho, Jem? — Ela prendeu o colar no pescoço e Zachariah sentiu uma onda de alívio. Pelo menos, isso ele tinha conseguido.

Não imagino que isso aconteça.

— Então não está prestando atenção.

Ela o tocou no ombro inesperadamente, e com uma gentileza surpreendente.

— Obrigada por tentar — disse ela. — É um começo.

Depois ele a observou se afastar.

Irmão Zachariah observou a água correndo por baixo da ponte. Pensou na outra ponte, em outra cidade, onde uma vez por ano voltava para se lembrar do homem que tinha sido outrora e dos sonhos que aquele homem já teve.

No final da Pont des Arts, um jovem músico de rua tirou de uma caixa um violino e o apoiou sob o queixo. Por um instante, Zachariah achou que estivesse imaginando, que tinha invocado uma fantasia antiga de si mesmo. Mas ao se aproximar — porque não conseguia ficar longe — percebeu que o artista era uma menina. Era jovem, não tinha mais do que 14 ou 15 anos, estava com os cabelos presos sob uma boina, e tinha uma gravata borboleta antiquada no colarinho da camisa branca.

Ela tocou as cordas e começou uma melodia penetrante. Irmão Zachariah logo a reconheceu: um concerto de violino de Bartók composto muito depois de Jem Carstairs aposentar o instrumento.

Irmãos do Silêncio não tocavam música. Também não ouviam música, não do jeito comum. Mas mesmo com seus sentidos bloqueados aos prazeres mortais, eles ainda escutavam.

Jem escutava.

Ele estava disfarçado; a menina deve ter presumido que estava sozinha. Não havia plateia para a música, nenhuma possibilidade de pagamento. Ela não estava tocando por trocados, mas por prazer. Estava voltada para a água, para o céu. Era uma música para receber o sol.

Distraído, ele se lembrou da pressão suave do apoio para o queixo. Lembrou-se das pontas dos dedos tocando as cordas. Lembrou-se da dança do arco.

Lembrou-se de como, algumas vezes, parecia que era a música que o tocava. Não havia música na Cidade do Silêncio; não havia sol, nem amanhecer. Só havia escuridão. Só havia quietude.

Paris era uma cidade que mobilizava os sentidos: comida, vinhos, arte, romance. Por toda parte, havia um lembrete do que ele perdera, dos prazeres de um mundo que não era mais seu. Ele tinha aprendido a conviver com a perda. Era mais difícil quando ficava imerso no mundo assim, mas era suportável.

Só que agora era diferente.

O nada que sentiu ao ouvir a melodia, ao ver o arco subir e descer pelas cordas — o grande vazio dentro dele, ecoando apenas com o passado. Isso o fazia se sentir extremamente não humano.

O desejo que sentia, de ouvir de fato, de querer, de *sentir*? Isso quase o fazia se sentir vivo.

Venha para casa, os Irmãos sussurraram em sua mente. *É hora.*

Ao longo dos anos, ao obter mais controle, o Irmão Zachariah aprendeu a se isolar das vozes dos Irmãos quando era necessário. Era uma coisa estranha, a Irmandade. A maioria presumia se tratar de uma vida solitária — e, de fato, era. Mas nunca sozinha. A Irmandade sempre estava lá, na beira de sua consciência, observando, esperando. O Irmão Zachariah só precisava estender uma mão e a Irmandade o chamaria.

Logo, ele prometeu. *Mas ainda não. Ainda tenho assuntos por aqui.*

Ele era mais Irmão do Silêncio do que não era. Mas ainda era menos Irmão do Silêncio do que os outros. Era um espaço estranho, limítrofe, que permitia um pouco de privacidade — e um desejo de tê-la que seus Irmãos já tinham há muito abandonado. Zachariah se isolou deles por um instante.

Sentiu-se muito mal pelo fracasso aqui, mas era bom, era *humano* se sentir mal, e ele queria saborear tudo sozinho.

Ou talvez nem tudo sozinho.

Tinha, de fato, mais um assunto antes de poder voltar para a Cidade do Silêncio. Ele precisava se explicar para a pessoa que se importava tanto quanto ele com os Herondale.

Ele precisava de Tessa.

#

Céline não foi para o apartamento de Valentim com a intenção de invadir. Isso teria sido loucura. E, de qualquer forma, após uma noite e um dia vagando a esmo pela cidade, ela estava com muito sono para elaborar intenções claras de qualquer coisa. Simplesmente seguiu um impulso. Queria a certeza que sentia na presença de Valentim, o poder que ele tinha de fazê-la acreditar. Não só nele, mas nela mesma.

Após seu estranho encontro na ponte, ela cogitou voltar para o apartamento em Marais. Sabia que Stephen e Robert deveriam ser avisados da atividade demoníaca inesperada, da possibilidade de uma Caçadora de Sombras dissidente causando problemas e espalhando desconfiança sobre o Círculo.

Mas ela não conseguia encará-los. Que se preocupassem com o que havia acontecido com ela. Ou que não se preocupassem. Ela não se importava mais.

Pelo menos, estava se esforçando muito para não se importar.

Tinha passado o dia no Louvre, assombrando galerias que nenhum dos turistas se interessava em visitar, velhas máscaras etruscas e moedas da Mesopotâmia. Ela passara horas lá quando era pequena, se misturando aos grupos de estudantes. Era fácil, quando criança, passar despercebida.

O desafio, Céline agora entendia, era ser vista, e, após ser vista, suportar o julgamento.

Ela não conseguia parar de pensar no casal na ponte, na maneira como se olhavam. Na forma como se tocavam, com tanto amor e tanta necessidade. E

também não conseguia parar de pensar no alerta da mulher sobre Valentim. Céline tinha certeza de que podia confiar a vida a Valentim.

Mas se tinha se enganado tanto em relação a Stephen, como podia ter certeza de que tinha razão em relação a qualquer coisa?

Valentim estava hospedado em um apartamento opulento no sexto *arrondissement*, perto de uma famosa chocolateria e um armarinho onde os chapéus encomendados custavam mais caro do que o aluguel. Ela bateu com força na porta. Quando ninguém respondeu, foi fácil violar a tranca.

Estou invadindo o apartamento de Valentim Morgenstern, pensou, espantada consigo mesma. Não parecia real.

O apartamento era elegante, quase régio, com as paredes cobertas por flores-de-lis douradas, e os móveis cobertos de veludo. Tapetes cobriam o soalho de madeira. Cortinas douradas e pesadas continham a luz. O único anacronismo da sala era uma ampla caixa de vidro no centro, dentro da qual encontrava-se Dominique du Froid, amarrada, machucada e inconsciente.

Ante que pudesse decidir o que fazer, ouviu o ruído de uma chave na fechadura. A maçaneta girou. Sem pensar, Céline foi para trás das cortinas espessas. Ficou imóvel ali.

Do seu esconderijo não dava para ver Valentim andando de um lado para outro na sala. Mas deu para ouvir tudo que precisava.

— Acorde. — Ele se irritou.

Fez-se uma pausa, um ruído, e, depois, uma mulher gritou de dor.

— Demônios Halphas? — falou ele, com um tom entre divertido e furioso. — Sério?

— Você me mandou fazer parecer real — Dominique resmungou.

— Sim, eu mandei fazer *parecer* real, e não colocá-los em risco.

— Você também me disse que ia pagar, mas aqui estou, em uma espécie de jaula. Com a carteira vazia. E alguns galos desagradáveis na cabeça.

Valentim suspirou forte, como se isso tudo fosse uma perda de tempo irritante.

— Você disse a eles exatamente o que combinamos, certo? E assinou a confissão?

— Não foi isso que aqueles malditos disseram quando me largaram aqui? Então, que tal me pagar por meus serviços, e podemos esquecer que isso

aconteceu.

— Com prazer.

Fez-se um estranho ruído que Céline não conseguiu identificar. Em seguida, veio um odor que ela reconheceu: carne queimada.

Valentim limpou a garganta.

— Pode sair, Céline.

Ela congelou. Não foi tanto a sensação de perder o ar, mas de perder a capacidade de respirar.

— Ultimamente não estamos sabendo nos disfarçar, não é? Venha, apresente-se. — Ele bateu as palmas com força, como se chamasse um animal de estimação. — Chega de jogos.

Céline saiu de trás da cortina, como uma tola.

— Sabia que eu estava aqui? O tempo todo?

— Você se surpreenderia com o que eu sei, Céline. — Valentim deu um sorriso frio. Como sempre, estava todo de preto, o que fazia com que seu cabelo louro-branco brilhasse com um fogo pálido. Céline supunha que, em termos objetivos, Valentim era tão bonito quanto Stephen, mas era impossível pensar nele assim. Ele era bonito como uma estátua era bonita: perfeitamente esculpido, uma pedra imóvel. Às vezes, na Academia, Céline o observava com Jocelyn, maravilhada com a forma como um toque conseguia derreter o gelo dele. Uma vez Céline os viu abraçados e ficou assistindo das sombras enquanto eles se perdiam um no outro. Quando interromperam o beijo, Valentim ergueu a mão até a bochecha de Jocelyn com um toque incrivelmente gentil, e sua expressão ao encarar seu primeiro e único amor foi quase humana.

Agora não havia mais nenhum traço disso nele. Ele abriu os braços amplamente, como se a convidasse a se sentir em casa naquela sala opulenta. A jaula no centro estava vazia, exceto por uma pilha ardente de rendas pretas e couro. Dominique du Froid estava morta.

Valentim seguiu o seu olhar.

— Ela era uma criminosa — falou. — Simplesmente adiantei uma sentença inevitável.

Havia boatos sobre Valentim, sobre a mudança que o assolou quando seu pai foi morto. Sussurros sombrios sobre as crueldades que ele cometia não só

com invasores do Submundo, mas com qualquer pessoa que o irritasse. Qualquer pessoa que o *questionasse*.

— Você parece preocupada, Céline. Até mesmo... assustada.

— Não — retrucou ela rapidamente.

— É quase como se você achasse que invadir meu apartamento para me espionar pudesse ter alguma consequência ruim.

— Eu não estava espionando, eu só...

Ele então sorriu de modo tão caloroso e tão brilhante, que ela se sentiu ridícula por ter tido tanto medo.

— Aceitaria um chá? E talvez alguns biscoitos? Parece que não come há um ano.

Ele ofereceu um banquete: chá e biscoito, além de fatias de pão, queijo de cabra fresco, um pequeno pote de mel e uma tigela com mirtilos que pareciam recém-colhidos. Céline não sabia que estava com fome até sentir o gosto do mel na língua. Percebeu que estava faminta.

Conversaram educadamente sobre Paris: os cafés favoritos, os melhores pontos para um piquenique, a melhor barraca de crepe, os méritos relativos do museu d'Orsay e do Pompidou. Então Valentim pegou um pedaço grande de baguete com queijo e disse, quase alegremente:

— Você sabe, é claro, que os outros a consideram fraca, e não muito inteligente.

Céline quase engasgou com um mirtilo.

— Se dependesse da maioria do Círculo, você não faria parte dele. Felizmente, isso não é uma democracia. Eles acham que a conhecem, Céline, mas não sabem de nada, não é mesmo?

Lentamente, ela balançou a cabeça. Ninguém a conhecia, não de verdade.

— *Eu*, por outro lado, acreditei em você. Confiei em você. E você retribui essa confiança com desconfiança?

— Eu realmente não...

— Claro, não desconfiava. Só pensou em fazer uma visita. Por trás das minhas cortinas, enquanto eu estava fora.

— Ok. *Oui.* Eu desconfiei.

— Viu? Você é esperta. — Aquele sorriso outra vez, caloroso e aprovador, como se ela tivesse cumprido as intenções dele. — E o que descobriu a meu

respeito com sua intrépida investigação?

Não havia motivo para fingir. E Céline estava tão curiosa quanto apavorada. Então falou a verdade, de acordo com suas suposições.

— Dominique du Froid não estava trabalhando com dois Caçadores de Sombras. Estava negociando com você. Você está tentando armar para alguém, e está nos usando para isso.

— Nós?

— Eu. Robert. Stephen.

— Robert e Stephen, sim, realmente estou usando os dois. Mas você? Você está aqui, não é mesmo? Está sabendo de tudo.

— Estou?

— Se quiser...

Os pais de Céline não eram do tipo que liam contos de fadas para ela. Mas ela já tinha lido o suficiente para conhecer a principal regra dessas histórias: cuidado com o que deseja.

E, como todo Caçador de Sombras, ela sabia: as histórias são verdadeiras.

— Quero saber — falou.

Ele disse que ela estava certa. Ele estava armando para dois Caçadores de Sombras, inocentes desses crimes, mas culpados de um muito maior: se colocarem no caminho do Círculo.

— Estão presos a tradições, são devotos da corrupção da Clave. E estão focados em me destruir. Então me antecipei. — Ele tinha usado a feiticeira para plantar provas, admitiu. Agora utilizaria Stephen e Robert como testemunhas de sua confissão. — Considerando que ela, infelizmente, não está mais aqui para testemunhar.

— E a Espada Mortal? — perguntou Céline. — Não teme o que acontecerá quando os Caçadores de Sombras acusados forem interrogados?

Valentim estalou a língua, como se estivesse decepcionado por ela não ter tirado imediatamente a conclusão correta.

— Infelizmente eles não chegarão até lá. Sei que esses dois Caçadores de Sombras vão tentar fugir no caminho para a Cidade do Silêncio. Vão morrer no caos que sucederá. Trágico.

As palavras pesaram entre eles. Céline tentou assimilar a situação. Valentim não estava apenas armando para dois Caçadores de Sombras, dois

Caçadores de Sombras *inocentes*. Estava planejando matá-los a sangue frio. Era um crime impensável, pelo qual a Lei exigiria a morte.

— Por que está me contando isso? — perguntou, tentando impedir que a voz tremesse. — O que o faz pensar que não vou entregá-lo? A não ser...

A não ser que ele não tivesse nenhuma intenção de permitir que ela saísse viva do apartamento.

Um homem que podia matar dois Caçadores de Sombras a sangue frio poderia matar uma terceira. Tudo nela dizia que devia se levantar, sacar a arma, lutar para sair dali, correr para o Instituto de Paris e contar tudo. Impedir isso — impedi-*lo* — antes que ele fosse longe demais. Valentim a observou calmamente, com as palmas das mãos na mesa, como se dissesse: *sua vez*.

Ela não se mexeu.

A família Verlac, que dirigia o Instituto de Paris, era amiga dos pais dela. Mais de uma vez um Verlac a tirou de seu esconderijo e a devolveu para casa. Na primeira vez, ela pediu asilo ao Instituto, onde supostamente todos os Caçadores de Sombras tinham abrigo seguro garantido. Céline foi informada que era jovem demais para pedir aquilo, jovem demais para saber o que *seguro* significava. E disseram que seus pais a amavam e que ela deveria parar de causar tantos problemas.

Ela não devia nada a eles.

Valentim, por outro lado, a escolhera. Dera uma missão, uma família. Ela devia tudo a ele.

Ele se inclinou em direção a ela, esticou a mão. Ela se forçou a não se esquivar. Ele a tocou no pescoço suavemente, onde o demônio Achaieral a arranhara.

— Você está machucada.

— Não foi nada — falou.

— E estava mancando.

— Estou bem.

— Se precisa de um *iratze*...

— Estou *bem*.

Ele fez que sim com a cabeça, como se ela tivesse confirmado uma desconfiança.

— Sim, você prefere desse jeito, não é mesmo?

— De que jeito?

— Com dor.

Agora Céline se esquivou.

— Não prefiro — insistiu. — Isso seria doentio.

— Mas você sabe *por que* prefere? Por que persegue a dor?

Ela nunca entendeu isso sobre si mesma. Apenas sabia, daquele jeito profundo, sem palavras, graças ao qual você conhecia sua verdade mais essencial.

Havia alguma coisa na dor que a fazia se sentir mais sólida, mais real. Mais no controle. Às vezes, a dor parecia a única coisa que ela *podia* controlar.

— Você busca a dor porque sabe que ela a faz mais forte — disse Valentim. Parecia que ele tinha dado nome à sua alma sem nome. — Sabe por que eu a entendo melhor do que todos os outros? Porque somos iguais. Aprendemos cedo, não foi mesmo? Crueldade, dureza, dor: ninguém nos protegeu das realidades da vida, e isso nos tornou fortes. A maioria das pessoas é governada pelo medo. Eles fogem da perspectiva de dor, e isso os torna fracos. Você e eu, Céline, sabemos que o único jeito é *encarar* a dor. Convidar a crueldade do mundo... e dominá-la.

Céline nunca tinha pensado em si mesma dessa forma, dura e forte. Certamente nunca ousou pensar em si mesma como parecida com Valentim.

— Por isso eu a quis no Círculo. Robert, Stephen, os outros? São meninos. Crianças brincando de jogos de adultos. Ainda não foram testados; serão, mas ainda não. Mas eu e você? Somos especiais. Não somos crianças há muito tempo.

Ninguém jamais a chamara de forte. Ninguém jamais a chamara de especial.

— As coisas estão acelerando — disse Valentim. — Preciso saber quem está comigo e quem não está. Então você pode ver por que contei a verdade sobre essa — ele gesticulou para a pilha queimada de roupas de feiticeira — situação.

— É um teste — ela supôs. — Um teste de lealdade.

— Uma oportunidade — ele a corrigiu. — Oferecer minha confiança e recompensá-la pela sua. Minha proposta: você não fala nada sobre o que ficou sabendo aqui e permite que as coisas aconteçam conforme o planejado, e eu lhe entrego Stephen Herondale de bandeja.

— Quê? Eu... Eu não... Eu...

— Eu disse a você, Céline. Eu sei das coisas. Eu a conheço. E posso dar o que você quiser, se realmente quiser.

Cuidado com o que deseja, ela pensou novamente. Ah, mas como queria Stephen. Mesmo sabendo o que ele pensava sobre ela, mesmo com o riso zombeteiro ecoando em seus ouvidos, mesmo acreditando no que Valentim disse, que ela era forte e Stephen, fraco, mesmo sabendo o que sabia, que Stephen não a amava e nunca amaria, ela o queria. Sempre e para sempre.

— Ou pode deixar esse apartamento, correr para a Clave, contar o que quiser para eles. Salvar esses dois Caçadores de Sombras "inocentes", e perder a única família que realmente já se importou com você — disse Valentim. — A escolha é sua.

#

Tessa Gray respirou a cidade que um dia foi, breve e indelevelmente, seu lar. Quantas noites passou nessa mesma ponte, olhando a imensa sombra de Notre Dame, as águas ondulantes do Sena, os andaimes orgulhosos da Torre Eiffel — a beleza estonteante de Paris, borrada por suas lágrimas incessantes. Quantas noites tinha passado olhando seu reflexo que não envelhecia no rio, imaginando os segundos, os dias, anos, séculos que poderia viver, e todos eles em um mundo sem Will.

Não, sem imaginar.

Porque era inimaginável.

Inimaginável, mas cá estava ela, mais de cinquenta anos depois, ainda viva. Ainda sem ele. Com um coração partido para sempre, mas que ainda batia, ainda era forte.

Ainda era capaz de amar.

Ela fugiu para Paris depois que ele morreu, ficou até ter força suficiente para encarar o futuro, e desde então não voltara. A cidade não parecia ter mudado. Mas, pensando bem, ela também não. Não dava para confiar que as aparências mostrassem a verdade. Não era preciso mudar de forma para saber disso.

Sinto muito, Tessa. Eu a encontrei, e a deixei ir.

Mesmo depois de todos esses anos, ela não estava acostumada com isso, com essa versão fria da voz de Jem falando em sua mente, ao mesmo tempo tão íntima e tão distante. A mão dele estava apoiada nas grades a poucos centímetros. Ela poderia tê-lo tocado. Ele não se afastaria, não dela. Mas a pele dele era tão fria, tão seca, como pedra.

Tudo nele era como pedra.

— Você a encontrou: era isso que pretendíamos, certo? Nunca foi uma questão de trazer a Herondale perdida de volta para o mundo dos Caçadores de Sombras ou de escolher um caminho para ela.

Havia conforto no peso familiar do pingente de jade em volta do pescoço, quente em seu peito. Ela ainda o usava, todos os dias, como fez desde que Jem o dera, há mais de um século. Ele não sabia.

O que diz é verdade, mas mesmo assim... não parece certo que uma Herondale corra perigo enquanto não fazemos nada. Temo ter falhado com você, Tessa. Ter falhado com ele.

Entre ela e Jem só existia um *ele*.

— Nós a encontramos, por Will. E você sabe que Will ia querer que ela fizesse a própria escolha. Assim como ele fez.

Se ele ainda fosse o Jem inteiro, ela o teria abraçado. Ela o teria permitido sentir, em seu abraço, sua respiração, seu coração, o quanto era impossível que ele falhasse com ela ou com Will.

Mas ele era e não era Jem. Ao mesmo tempo, ele e outro, e ela não podia ficar ao seu lado, garantir com palavras inúteis que ele tinha feito o bastante.

Ele já tinha a alertado sobre o que aconteceria, que ele se tornaria menos ele e mais Irmão do Silêncio — e prometeu que a transformação nunca seria completa.

Quando eu não enxergar mais o mundo com meus olhos humanos, ainda serei, de algum jeito, o Jem que você conheceu, ele havia dito. *Eu a verei com os*

olhos do meu coração.

Quando olhava para ele agora, com os olhos selados, o rosto frio, quando sentia o cheiro inumano, como papel, como pedra, como algo que jamais tinha vivido ou amado, ela tentava se lembrar disso. Tentava acreditar que parte dele ainda estava ali, enxergando, e querendo ser enxergada.

Ficava mais difícil a cada ano. Houve momentos, ao longo das décadas, em que o Jem de suas lembranças parecia totalmente presente. Uma vez, durante uma das inúmeras guerras dos mundanos, eles até se beijaram brevemente — e quase foram além. Jem a afastou antes que as coisas evoluíssem. Depois disso, ele se afastou de Tessa, quase como se temesse o que podia acontecer se ele se permitisse chegar perto demais. Aquele abraço, no qual ela pensava quase todos os dias, tinha acontecido há mais de quarenta anos — e a cada ano ele parecia um pouco menos Jem, um pouco menos humano. Ela temia que ele estivesse esquecendo de si, pouco a pouco.

Ela não podia perdê-lo. Não ele também.

Ela seria sua memória.

Conheci uma menina aqui, ele disse, *apaixonada por um Herondale.*

Ela imaginou que podia ouvir um esboço de sorriso em sua voz.

— Ela lhe lembrou alguém? — Tessa provocou.

O amor dela parecia causar muita dor. Gostaria de ter ajudado.

Era uma das coisas que amava nele, o desejo de ajudar qualquer pessoa que precisasse. Isso era algo que a Irmandade do Silêncio não podia tirar dele.

— Eu costumava vir a essa ponte o tempo todo, você sabe, quando morava em Paris. Depois de Will.

É muito pacífico aqui. E muito bonito.

Ela queria dizer que não era isso. Ela não vinha pela paz e nem pela beleza — ela vinha porque a ponte lembrava a Blackfriars Bridge, a ponte dela e de Jem. Ela vinha porque aqui, suspensa entre a terra e a água, com as mãos na grade de ferro e o rosto para o alto, se lembrava de Jem. A ponte lembrava que ainda havia alguém no mundo que ela amava. Que mesmo que metade do seu coração tivesse ido embora para sempre, a outra metade ainda estava aqui. Inalcançável, talvez, mas *aqui*.

Queria dizer isso a ele, mas não podia. Não seria justo. Seria pedir de Jem algo que ele não poderia dar, e o mundo já pedia muito dele.

— Ele detestaria a ideia de uma Herondale por aí, em algum lugar, que acha que não pode confiar nos Caçadores de Sombras. Que acha que *nós* somos os vilões.

Talvez ele entendesse.

Era verdade. O próprio Will fora criado para desconfiar dos Caçadores de Sombras. Ele sabia, melhor do que a maioria, quão dura a Clave era com aqueles que lhe davam as costas. Teria se enfurecido se soubesse da parte perdida de sua família, se pensasse na Clave tentando executar uma mãe e um filho pelos pecados de um pai. Tessa temia pela segurança da Herondale perdida, mas, ao mesmo tempo, gostaria de poder convencê-la de que alguns Caçadores de Sombras eram confiáveis. Queria que essa jovem entendesse que nem todos eram duros e insensíveis: que alguns eram como Will.

— Às vezes fico tão furiosa com os Caçadores de Sombras que vieram antes de nós, com os erros que cometeram. Pense em quantas vidas foram arruinadas pelas escolhas de uma geração anterior. — Ela estava pensando em Tobias Herondale, mas também em Axel Mortmain, cujos pais foram assassinados na frente dele, e Aloysius Skyweather, que pagou por esse pecado com a vida de sua neta. Ela estava pensando até mesmo em seu irmão, cuja mãe se recusou a chamá-lo de dela. Que poderia ter sido um homem melhor, se tivesse sido amado.

Seria injusto culpar o passado por escolhas que fazemos no presente. E não podemos justificar escolhas atuais invocando os pecados do passado. Nós dois sabemos disso, melhor do que a maioria.

Jem também tinha visto os pais sendo assassinados. Jem suportara uma vida de dor, mas nunca foi corrompido por isso — nunca recorreu à vingança. E Tessa foi literalmente concebida como uma ferramenta demoníaca. Ela poderia ter escolhido aceitar esse destino; poderia ter escolhido fugir do Mundo das Sombras, voltar para a vida mundana que um dia conheceu e fingir que não via a escuridão. Ou poderia ter se proclamado a dona da escuridão.

Ela escolhera um caminho diferente. Os dois escolheram.

Sempre temos uma escolha, Jem disse, e pela primeira vez a voz na cabeça de Tessa soou como a dele, calorosa e próxima. *Nem sempre é a escolha que queremos, mas é uma escolha ainda assim. O passado acontece conosco. Mas*

escolhemos o nosso futuro. Só podemos torcer para que a nossa Herondale perdida escolha se salvar.

— Esse é o melhor que podemos esperar para qualquer um de nós, eu suponho.

Jem deslizou a mão pela grade e a colocou sobre a dela. Era, como ela sabia, fria. Inumana.

Mas também era Jem: carne e sangue, inegavelmente vivo. E onde há vida, há esperança. Talvez não agora, não ainda, mas, um dia, ainda pudessem ter um futuro. Ela escolheu acreditar.

#

A igreja de Saint-Germain-des-Prés foi fundada no ano de 558. A abadia original fora construída sobre as ruínas de um antigo templo romano, e destruída, dois séculos mais tarde, por um cerco normando. Reconstruída no século X, a construção sobrevivia, de um jeito ou de outro, há um milênio. Os reis merovíngios estão enterrados em seus túmulos, assim como o coração arrancado de João II Casimiro Vasa e o corpo de René Descartes, sem a cabeça.

Quase todas as manhãs, a abadia recebia um grupo de turistas e observadores locais que vagavam por ali, acendendo velas, de cabeça baixa enquanto sussurravam orações para quem quer que estivesse ouvindo. Mas nesta específica manhã chuvosa de agosto, uma placa na porta indicava que a igreja estava fechada ao público. Lá dentro, o Conclave de Paris estava reunido. Caçadores de Sombras de toda a França ouviam solenemente as acusações a dois dos seus.

Jules e Lisette Montclaire ficaram em silêncio, de cabeça baixa, enquanto Robert Lightwood e Stephen Herondale testemunhavam seus crimes.

Sua filha, Céline Montclaire, não foi convocada a depor. Ela, é claro, não esteve presente na confissão da feiticeira sobre os crimes de seus pais.

A cena transcorreu como se o próprio Valentim a tivesse escrito, e, como todos os presentes, Céline fez exatamente o que Valentim pretendia: nada.

Por dentro, ela estava em guerra consigo mesma. Furiosa com Valentim por tê-la tornado cúmplice da destruição de seus pais; furiosa consigo mesma por ter ficado em silêncio enquanto seus destinos eram selados; mais furiosa ainda com seu próprio instinto de misericórdia. Afinal, seus pais nunca demonstraram nenhuma por ela. Fizeram o melhor que puderam para ensiná-la que misericórdia era fraqueza, e crueldade era força. Então ela endureceu para ser forte. Disse a si mesma que não era nada pessoal; que era uma questão de proteger o Círculo. Se Valentim acreditava que esse era o caminho certo para o progresso, então esse era o único caminho.

Ela viu os pais tremerem de medo sob o olhar frio do Inquisidor, e se lembrou dos dois se afastando dela, ignorando seus gritos, trancando-a no escuro — e não disse nada. Ficou parada, com a cabeça abaixada, e suportou. Eles também tinham ensinado isso.

Todos os Caçadores de Sombras da França conheciam Céline ou achavam que conheciam: aquela filha doce e obediente do interior da Provence. Sabiam de sua devoção aos pais. Uma ótima filha. Ela herdaria a propriedade deles, é claro.

Céline suportou o peso dos olhares com dignidade. Ela não registrou os olhares de pena. Manteve os olhos no chão ao ouvir o veredito e assim não viu o terror no rosto dos pais. Não os viu sendo colocados sob a custódia dos Irmãos do Silêncio para serem transportados para a Cidade do Silêncio. Não esperou que sobrevivessem o suficiente para encarar a Espada Mortal.

Ela não falou com Robert e nem com Stephen, e deixou que acreditassem que foi por eles terem condenado seus pais à morte.

Valentim a alcançou do lado de fora da igreja e ofereceu um crepe de Nutella.

— Da barraca em frente ao Deux Magots — falou. — Seu preferido, certo?

Ela deu de ombros, mas aceitou. A primeira mordida — a pasta de chocolate com avelãs, a massa doce — foi perfeita como sempre, e a fez se sentir criança outra vez.

Às vezes, era difícil acreditar que já tinha sido criança.

— Você poderia ter me contado — falou.

— E estragar a surpresa?

— São meus pais.

— Sim.

— E você os matou.

— Ainda estão vivos, pelo que verifiquei — disse Valentim. — Provavelmente poderiam ter continuado assim, bastava uma palavra sua. Mas eu não ouvi.

— Você se arriscou bastante ao não me contar a história toda. Esperando que eu o deixasse... que os deixasse.

— Arrisquei? — retrucou ele. — Ou simplesmente a conheço o suficiente para saber o que você escolheria? Para saber que estava fazendo um favor.

Ele a encarou. Ela não conseguia desviar os olhos. Pela primeira vez, não quis.

— Não precisa admitir, Céline. Só saiba que eu sei. Você não está sozinha nessa.

Ele a *enxergava*; ele entendia. Era como se um músculo que ela estivesse tensionando a vida inteira finalmente tivesse relaxado.

— Trato é trato — disse ele. — Mesmo que você tenha ganhado mais do que negociou. O Stephen é todo seu... supondo que ainda o queira...

— E como você faria isso acontecer, exatamente? — perguntou ela, ciente agora do que Valentim era capaz. — Você não... não o machucaria, certo?

Valentim pareceu decepcionado com ela.

— Stephen é meu melhor amigo, meu tenente mais confiável. Você perguntar uma coisa dessas me faz questionar sua lealdade, Céline. Você quer que eu ponha em dúvida a sua lealdade?

Ela balançou a cabeça.

Então aquele sorriso caloroso e amanteigado se formou novamente no rosto dele. Ela não sabia dizer se esse era o verdadeiro Valentim aparecendo ou se era a máscara voltando.

— Por outro lado, seria tolice sua não perguntar. E, como conversamos, de tola você não tem nada. Não importa o que as pessoas pensem. Então, sua resposta: não. Juro para você, pelo Anjo, que não causarei nenhum mal a Stephen no cumprimento desse trato.

— E nenhuma ameaça de mal?

— Você pensa tão pouco de si que presume que um homem teria que ser ameaçado para amá-la?

Ela não respondeu. Não precisava; ele certamente era capaz de interpretar sua expressão.

— Stephen está com a mulher errada — disse Valentim a ela, quase gentilmente. — No fundo, ele sabe. Vou simplesmente deixar tão claro para ele quanto é para nós, e o resto vai ser tão fácil quanto cair de um penhasco. Você só precisa relaxar e permitir que a gravidade entre em ação. Não tenha medo de alcançar o que realmente quer, Céline. Você está acima disso.

O que ela realmente queria...

Não era tarde demais para se pronunciar, para salvar seus pais.

Ou ela podia manter sua palavra e guardar o segredo dele. Podia permitir que seus pais pagassem pelo que fizeram com ela. Pelas cicatrizes na pele e no coração. Pelo gelo em seu sangue. Se ela era o tipo de filha que podia ajudar na morte dos pais, a culpa não era de ninguém além deles.

Mas isso não significava que ela tinha que aceitar o trato todo. Mesmo que ficasse quieta, ela podia se afastar: se afastar de Valentim, agora que sabia do que ele era capaz. Se afastar de Stephen, agora que sabia o que ele achava dela. Podia fechar a porta do passado e começar de novo. Podia escolher uma vida sem dor, sem sofrimento ou medo.

Mas quem ela seria, sem dor?

E o que era a força, senão resistência e sofrimento?

Não há nada mais doloroso do que o amor negado, o estranho Irmão do Silêncio tinha dito a ela. *Um amor que não pode ser correspondido. Não conheço nada mais doloroso do que isso.*

Se Valentim disse que podia lhe dar Stephen Herondale, era verdade. Céline não tinha dúvidas quanto a isso. Ele podia fazer qualquer coisa, inclusive encontrar uma forma de forçar Stephen Herondale em sua vida e em seus braços. Mas nem Valentim podia fazer Stephen amá-la.

Ter Stephen significaria *não* tê-lo — significaria saber a todo instante, em cada abraço, que ele queria outra pessoa. Seria uma vida desejando algo que não poderia ter. O Irmão do Silêncio era sábio, e falou a verdade. Não podia haver dor maior do que essa.

— Pode pensar com calma — disse Valentim. — É uma escolha e tanto.

— Não preciso pensar — respondeu ela. — Eu quero. Quero Stephen.

Não pareceu uma escolha, porque era a única opção que ela tinha.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Os perversos

Wikipédia da Cassandra Clare:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Site da Cassandra Clare:
https://www.cassandraclare.com/

Site da Robin Wasserman:
http://www.robinwasserman.com/

Wikipédia da Robin Wasserman:
https://en.wikipedia.org/wiki/Robin_Wasserman


CASSANDRA CLARE
SARAH REES BRENNAN
LONGAS SOMBRAS
FANTASMAS do MERCADO das SOMBRAS
VOL. 2
Galera

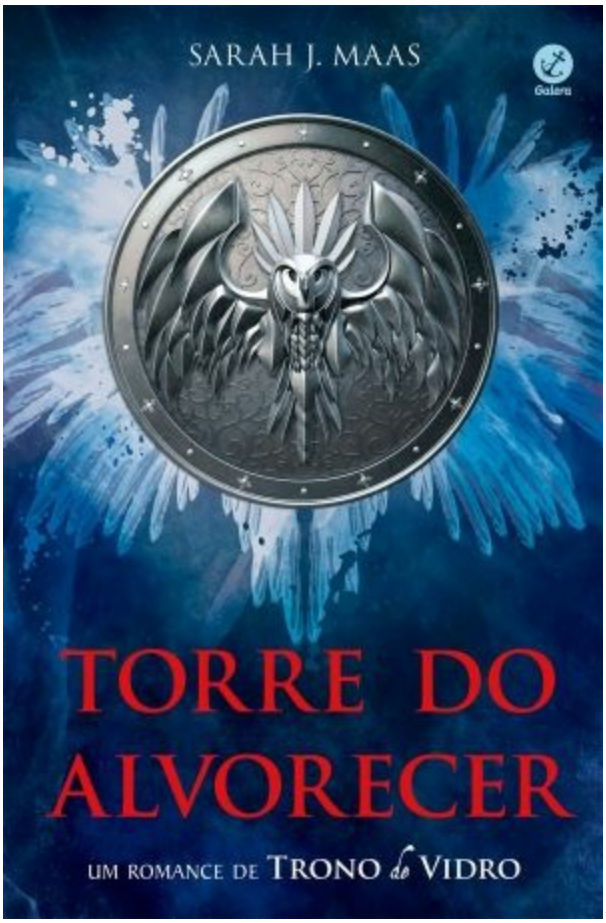
Longas sombras – Fantasmas do mercado das sombras – vol. 2

Clare, Cassandra
9788501115218
46 páginas

Compre agora e leia

Longas sombras é o segundo de oito contos da nova série Fantasmas do Mercado das Sombras. Londres, 1901. Matthew Fairchild é o filho mais novo de Charlotte e Henry Fairchild e dono de um bom humor invejável; raramente se irrita. Ele tem o respeito de sua família e de seu parabatai, James Herondale, e não precisaria se incomodar com mais nada, mas seu humor, talento artístico e beleza não parecem se encaixar no modo de vida de um guerreiro. Mas Matthew recebe mais do que esperava no Mercado das Sombras, onde ele comete o maior pecado de sua vida – algo que ele nunca poderá contar ao seu parabatai ou a qualquer um dos honoráveis Caçadores de Sombras. Longas sombras é mais uma história cheia de tensão, que apresentará aos leitores um novo conjunto de mistérios.

Compre agora e leia


SARAH J. MAAS
Galera
TORRE DO ALVORECER
UM ROMANCE DE TRONO DE VIDRO

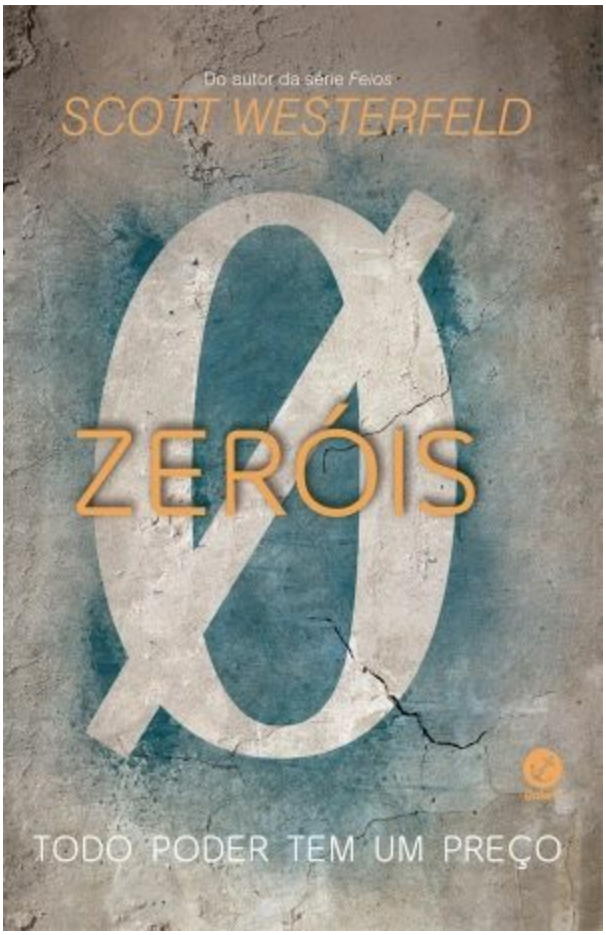
Torre do alvorecer

Maas, Sarah J.
9788501100917
644 páginas

Compre agora e leia

No novo volume da série best-seller do New York Times, acompanhamos Chaol em uma tortuosa viagem a um império distante. Chaol Westfall sempre se definiu por sua lealdade inquebrável, sua força e sua posição como capitão da Guarda. Mas tudo mudou desde que o Castelo de Vidro se quebrou, seus homens foram abatidos e o rei de Adarlan o poupou de um golpe de morte, mas deixou seu corpo quebrado. Sua única chance de recuperação reside nos lendários curandeiros da Torre Cesme, em Antica — a fortaleza do poderosoimpério do continente do sul. E é para lá que ruma Chaol, acompanhado de Nesryn, única mulher na Guarda Real e sua nova capitã, depois de Chaol ter sido nomeado Mão do Rei. Mas, com a guerra se aproximando de Dorian e com Aelin lutando por seu trono de direito, Chaol pode ser uma peça-chave para a sobrevivência dos dois jovens monarcas, convencendo outros governantes a se aliarem a eles. O que Chaol e Nesryn descobrem em Antica, no entanto, vai mudar os dois — e ser mais vital para salvar Erilea do que eles poderiam ter imaginado.

Compre agora e leia


Do autor da série Feios
SCOTT WESTERFELD
ZERÓIS
TODO PODER TEM UM PREÇO

Zeróis

Westerfeld, Scott
9788501114839
462 páginas

Compre agora e leia

Primeiro volume da série Zeróis, do mesmo autor da trilogia Feios. Os X-men encontram Heroes nesta trama sobre adolescentes com poderes especiais: Treta (sua voz interior sabe tudo o que você deseja ouvir); Caos (se é eletrônico, ela domina); Pestana (pode ver através dos olhos de qualquer um, menos dos próprios); Anônimo (longe dos olhos, longe do coração); Líder Glorioso (direciona a energia de uma sala) e Motim (uma menina que faz uso da energia da multidão). Preso como suspeito de um crime, Treta precisa da ajuda dos outros Zeróis, que não são os melhores amigos no momento. Cabe a Nate, o Líder Glorioso, o manipulador em pessoa, convencer o grupo a se arriscar pelo garoto. Mas, quando o plano de resgate dá errado, os Zeróis acabam jogados em meio aos mais perigosos criminosos: mafiosos, traficantes, agiotas, a lista não tem fim.

Compre agora e leia


Galera
"Toda pessoa com coração devia ler este livro."
KAMI GARCIA,
autora de Dezesseis luas
É ASSIM QUE ACABA
COLLEEN HOOVER

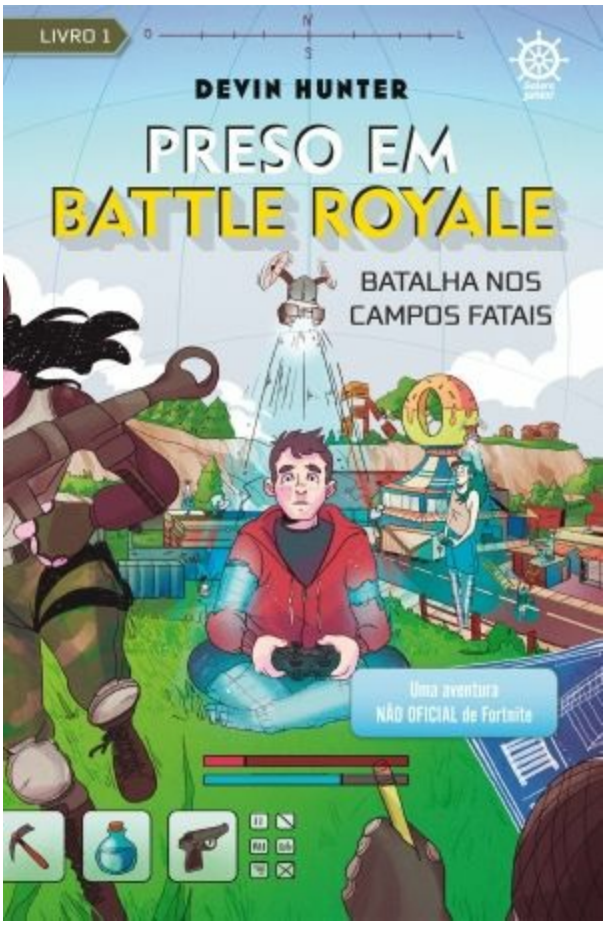
É assim que acaba

Hoover, Colleen
9788501113498
368 páginas

Compre agora e leia

Da autora das séries Slammed e Hopeless. Um romance sobre as escolhas corretas nas situações mais difíceis. As coisas não foram sempre fáceis para Lily, mas isso nunca a impediu de conquistar a vida tão sonhada. Ela percorreu um longo caminho desde a infância, em uma cidadezinha no Maine: se formou em marketing, mudou para Boston e abriu a própria loja. Então, quando se sente atraída por um lindo neurocirurgião chamado Ryle Kincaid, tudo parece perfeito demais para ser verdade. Ryle é confiante, teimoso, talvez até um pouco arrogante e se sente atraído por Lily. Porém, sua grande aversão a relacionamentos é perturbadora. Além de estar sobrecarregada com as questões sobre seu novo relacionamento, Lily não consegue tirar Atlas Corrigan da cabeça — seu primeiro amor e a ligação com o passado que ela deixou para trás. Ele era seu protetor, alguém com quem tinha grande afinidade. Quando Atlas reaparece de repente, tudo que Lily construiu com Ryle fica em risco. Com um livro ousado e extremamente pessoal, Colleen Hoover conta uma história arrasadora, mas também inovadora, que não tem medo de discutir temas como abuso e violência doméstica. Uma narrativa inesquecível sobre um amor que custa caro demais.

Compre agora e leia


LIVRO 1
DEVIN HUNTER
PRESO EM
BATTLE ROYALE
BATALHA NOS
CAMPOS FATAIS
Uma aventura
NÃO OFICIAL de Fortnite

Batalha nos Campos Fatais: Uma aventura não oficial de Fortnite

Hunter, Devin
9788501116109
128 páginas

Compre agora e leia

Uma aventura não oficial do game mais jogado no mundo em 2018 Grey tem 12 anos e não vê a hora das aulas terminarem para, finalmente, seus pais o liberarem para jogar Fortnite. O que o menino não esperava era ser sugado para uma versão de realidade virtual na primeira vez que jogasse... e ainda ter que competir com 100 pessoas para poder voltar para casa!Sua consciência ficará presa até ele se tornar um dos cinco melhores jogadores da temporada, caso contrário ficará preso em Fortnite por mais dois meses.Noob, mas esforçado, Grey corre atrás de ferramentas para ajudá-lo a sobreviver e aumentar suas skins, mas sem sucesso. Ele é logo eliminado na primeira luta e seu ranking não poderia ser pior.Contudo, uma ajuda inusitada surge antes da próxima luta. E Grey acaba percebendo que – mais importante do que skins – amizade, lealdade e companheirismo são as ferramentas certas para vencer.

Compre agora e leia